

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

KELVIN TADEU RUSSI COLC

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS ORIUNDAS DE ESCOLAS
PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA

PONTA GROSSA
2023

KELVIN TADEU RUSSI COLC

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS E ORIUNDAS
DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE PONTA
GROSSA.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, junto ao Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Estudos da Linguagem, dentro da linha de pesquisa Pluralidade, Identidade e Ensino, como requisito parcial de avaliação, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos

PONTA GROSSA
2023

Colc, Kelvin Tadeu Russi

C686 Narrativas autobiográficas de bixas pretas oriundas de escolas públicas e privadas na cidade de Ponta Grossa / Kelvin Tadeu Russi Colc. Ponta Grossa, 2023.

93 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos.

1. Narrativas autobiográficas. 2. Bixas pretas. 3. Classe social. 4. Ensino público - privado. I. Carlos, Valeska Gracioso. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS ORIUNDAS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA.

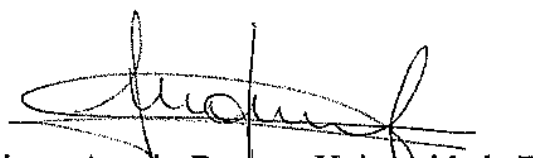
Dissertação apresentada como requisito de avaliação, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa 23 de maio de 2023.



Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos -
Orientadora

Universidade Estadual de Ponta Grossa



Profa. Dra. Lucimar Araújo Braga
Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof. Dr. Gabriel Nascimento dos Santos
Universidade Federal do Sul da Bahia

AGRADECIMENTOS

A todas as forças divinas por terem me dado força, coragem e, por me mostrar o caminho a seguir e por guiar todos os meus passos durante essa trajetória.

A Professora Dra. Silvely Brandes e a amiga Professora Dra. Renata Carreon por terem me acolhido no meu Trabalho de Conclusão de Curso, me oportunizando muito aprendizado e reflexão sobre as identidades que me atravessam e que antes estavam encobertas por pensamento embranquecidos.

As minhas amigas Rilari Lorena, Pamela Miranda, Letícia Kovalski, Ana Paula da Cunha, que sempre estiveram comigo, desde o início da graduação até hoje, me apoiando, acreditando em mim e me auxiliando em tudo que estava ao alcance.

A minha mãe, minha avó e meu avô que sempre foram meu alicerce na minha caminhada pessoal nessa minha trajetória na cidade de Ponta Grossa e que também sempre acreditaram que tudo isso fosse capaz de acontecer.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, bem como, a todos os mestres que tive ao longo da minha trajetória enquanto aluno, acadêmico e mestrando por terem me proporcionado todo aprendizado.

A Professora Dra. Aparecida de Jesus Ferreira que me acolheu tão carinhosamente para que déssemos início a essa pesquisa e que muito me auxiliou. Agradeço por toda cobrança, paciência e por acreditar que essa pesquisa fosse possível mesmo nos momentos que eu mesmo me encontrava sem forças para continuar.

A Professora Dra. Valeska Gracioso Carlos que, após a saída da minha orientadora, me acolheu e me proporcionou reflexões para a reta final dessa dissertação.

Aos professores que, tão gentilmente, aceitaram participar da minha qualificação e, conseqüentemente, dessa defesa de dissertação proporcionando que eu pudesse ampliar os horizontes dessas reflexões.

Aos meus queridos amigos Well e Emanuel que sempre acreditaram em mim e fizeram parte da minha vida. Aos amigos e colegas que conquistei aqui na cidade de Ponta Grossa, que também sempre me auxiliaram de alguma forma para que hoje isso fosse possível, meu muito obrigado.

As participantes de pesquisa que abraçaram minha ideia e compartilharam

comigo suas experiências pessoais.

Enfim, a todos àqueles que de alguma forma me apoiaram, incentivaram, auxiliaram e acreditaram em mim.

Eles virão para nos matar porque não sabem que somos imorríveis, não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que uma vez aos pedaços nós nos espalharemos, não como povo, mas como peste, no cerne mesmo do mundo e contra ele.

(Jota Mombaça)

RESUMO

Este trabalho busca apresentar narrativas autobiográficas referente a sexualidade interseccionada com raça e classe social, sobretudo, de bixas pretas oriundas de dois seguimentos de ensino, público e privado da cidade de Ponta Grossa. Diante disso, a partir das vivências como experiências formadoras e tendo como referencial sobre identidades (HALL; WOODWARD, 2014); intersecções entre sexualidade, raça e classe social (LIMA, CERQUEIRA, 2007; SILVA, 2017; SILVA JUNIOR, 2019; OLIVEIRA, 2017), bem como, conceito de raça e racismo (ALMEIDA, 2020; MUNANGA, 2004) além de conceituar interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019), o objetivo foi refletir como sexualidade interseccionada com raça e classe social dessas bixas pretas, foi tratada dentro e fora do âmbito escolar, a fim de refletir sobre a necessidade de apresentar essas identidades, não só em contexto social, mas também, em contexto educacional. Perante o exposto, a pergunta de pesquisa é: quais são as experiências das bixas pretas que estudaram em escolas públicas e privadas em relação às identidades sociais de sexualidade interseccionadas com raça e classe social? Portanto, levando em consideração a linguagem como constitutiva da vida em família, na escola, no ambiente de trabalho e em relações amorosas, como áreas centradas na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro do âmbito educacional e também fora dele (MOITA LOPES, 2009), essa pesquisa está ancorada nos estudos de Linguística Aplicada, além disso, baseia-se em uma pesquisa qualitativa (BORTONI-RICARDO, 2008; MOREIRA E CALEFFE, 2008; FLICK, 2004) de caráter narrativo (FERREIRA, 2015, NELSON, 2015). Para tanto, foi elaborado, previamente, questionamentos que conduziram as pessoas entrevistadas para o objetivo principal da pesquisa, tendo em vista que, a narrativa se constitui como uma maneira de pensar sobre a vida - experienciada ou narrada. Portanto, considero importante reflexões sobre assuntos relacionados à intersecção de raça, sexualidade, gênero, classe social, bem como, os inúmeros marcadores sociais presentes dentro e fora das salas de aula, ou seja, nas relações sociais, a fim de evidenciar a importância da abordagem de tais temas para a construção identitária de discentes atravessados por tais identidades. As ponderações finais indicam que apesar da bixa preta sofrer inúmeras retaliações, silenciamento, exclusão e seu acesso a espaços serem negados em diversos ambientes sociais, aos quais estavam/estão inseridas, essas criam possibilidades e estratégias para viverem diante as adversidades instauradas pelo sistema cisheteropatriarcal branco.

Palavras-chave: Narrativas Autobiográficas. Bixas Pretas. Classe social. Ensino Público e Privado.

RESUMEN

Este trabajo busca presentar narrativas autobiográficas relativas a la sexualidad intersectada con la raza y la clase social, especialmente de bixas negras (niñas negras) de dos segmentos educativos, público y privado, en la ciudad de Ponta Grossa. Dado esto, a partir de las vivencias como experiencias formativas y teniendo como referencia sobre identidades (HALL; WOODWARD, 2014); intersecciones entre sexualidad, raza y clase social (LIMA, CERQUEIRA, 2007; SILVA, 2017; SILVA JUNIOR, 2019; OLIVEIRA, 2017), así como el concepto de raza y racismo (ALMEIDA, 2020; MUNANGA, 2004) además de conceptualizar la interseccionalidad (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019), el objetivo fue reflejar cómo la sexualidad intersectada con la raza y la clase social de estas bixas negras, fue tratada dentro y fuera del ámbito escolar, con el fin de reflexionar sobre la necesidad de presentar estas identidades, no sólo en el contexto social, sino también, en el contexto educativo. Atendiendo ao exposto, a pergunta de investigação é: ¿Quais são as experiências das bixas negras que estudaram em escolas públicas e privadas em relação às identidades sociais de sexualidade intersecadas com a raça e a classe social? Por lo tanto, teniendo en cuenta el lenguaje como constitutivo de la vida en la familia, en la escuela, en el trabajo y en las relaciones amorosas, como áreas enfocadas a resolver problemas de la práctica del uso del lenguaje dentro del campo educativo y también fuera de él (MOITA LOPES, 2009), esta investigación se ancla en los estudios de Lingüística Aplicada, además, se basa en una investigación cualitativa (BORTONI-RICARDO, 2008; MOREIRA E CALEFFE, 2008; FLICK, 2004) de carácter narrativo (FERREIRA, 2015, NELSON, 2015). Para ello, se preparó, previamente, preguntas que condujeran a los entrevistados al objetivo principal de la investigación, considerando que la narrativa se constituye como una forma de pensar la vida - vivida o narrada. Por lo tanto, considero importante reflexionar sobre temas relacionados con la intersección de raza, sexualidad, género, clase social, así como los innumerables marcadores sociales presentes dentro y fuera del aula, es decir, en las relaciones sociales, con el fin de destacar la importancia del abordaje de tales temas para la construcción identitaria de los estudiantes atravesados por tales identidades. Las consideraciones finales indican que, a pesar de que las bixas negras sufren innumerables represalias, silenciamientos, exclusiones y su acceso a espacios es negado en diversos ambientes sociales, en los cuales fueron/son insertadas, ellas crean posibilidades y estrategias para vivir frente a la adversidad establecida por el sistema cisheteropatriarcal blanco.

Palabras clave: Narrativas Autobiográficas. Bixas Negras. Clase Social. Enseñanza Pública e Privada.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1: Pesquisas realizadas e defendidas entre 2017 e 2020, catalogadas pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando as seguintes palavras-chave: “bicha/s preta/s”; “bixa/s preta/s”	36
Quadro 1.2: Pesquisas recentes acerca de bichas/bixas pretas	37
Quadro 2.1: Apresentação das pessoas participantes da pesquisa	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	20
1.1 IDENTIDADES DE SEXUALIDADE INTERSECCIONADAS COM RAÇA E CLASSE SOCIAL	20
1.2 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS E INTERSECCIONALIDADES	28
1.3 PESQUISAS RECENTES DE BIXAS PRETAS E INTERSECCIONALIDADES.	35
2 METODOLOGIA	44
2.1 PESQUISA EM LINGUISTICA APLICADA	44
2.2 PESQUISA QUALITATIVA	46
2.3 PESQUISA NARRATIVA	47
2.4 GERAÇÃO DE DADOS	49
2.4.1 Diário de Campo	49
2.4.2 Narrativas Autobiográficas e Entrevistas	50
2.4.3 Participantes da Pesquisa	52
2.5 RETORNO DA PESQUISA	54
2.6 ÉTICA EM PESQUISA	54
3 ANÁLISE E GERAÇÃO DE DADOS	57
3.1 A FAMÍLIA FRENTE A DESCOBERTA DA BIXA PRETA	58
3.2 ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: O CAMINHO ESCOLAR DA BIXA PRETA	63
3.3 MERCADO DE TRABALHO: UM ESPAÇO (IM)POSSÍVEL PARA A BIXA PRETA	69
3.4 EU AMEI NÃO FUI AMADA, HOJE EU SEI O MEU VALOR	72
PONDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A – PERGUNTAS CONDUTORAS DA ENTREVISTA	87
ANEXO A - TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO	88
ANEXO B - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	89
ANEXO C - DECLARAÇÃO	90
ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	91

ANEXO E - FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS	93
--	-----------

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

Ingressei no curso de Letras Português/Espanhol na Universidade Estadual de Ponta Grossa no ano de 2017. Minha perspectiva para o curso era me formar e me tornar um professor que ministrasse aulas “tradicionais”, ou seja, na resolução de exercícios e na memorização de conceitos, pois foi esse modelo de ensino que me acompanhou nos meus anos enquanto estudante de educação básica. Porém, no ano de 2020, em contexto de pandemia e com aulas remotas, ao iniciar a carga horária da disciplina denominada Seminários Temáticos, ministrada pela professora Silvely Brandes, minha percepção de como eu queria ministrar minhas aulas futuras mudou com as reflexões proporcionadas pela professora através da disciplina. Naquele momento eu já estava com meu pré-projeto elaborado e iniciando as reflexões do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com os estudos em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Através das leituras feitas na disciplina de Seminários Temáticos, além de, vídeos, *podcast* entre outros meios de informação, que eram utilizados como material de apoio da disciplina, surgiram questionamentos sobre minha identidade negra, bem como ser homossexual e de classe social desprivilegiada. O meu interesse pelo tema aumentou de tal forma que procurei a professora Silvely para que me indicasse outros materiais que me auxiliassem a compreender ainda mais sobre os assuntos abordados e, por consequência, sobre mim. Foi então, que a professora me indicou o vídeo do *youtuber* Spartakus Santiago. Os vídeos “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas” e “A solidão do gay negro | Sobre autocrítica” retratam as experiências do *youtuber* enquanto gay e negro no meio social em que vive/viveu e refletem, também, as experiências de outras bixas pretas.

Perante a narrativa de Spartakus, assim como, as leituras feitas para a disciplina e as discussões em sala de aula, indaguei-me sobre atos e discursos que me foram proferidos durante toda minha vida. Consequentemente, senti a necessidade de escrever minha história, não somente para meus questionamentos pessoais, mas também para refletir sobre questões de raça, gênero, sexualidade, classe e os inúmeros sistemas de opressão presentes, tanto na minha vida, quanto

na sociedade em geral. Foi então que decidi mudar meu TCC, e adentrar em tais reflexões.

Diante disso, ao refletir enquanto escrevia meu TCC, me questionei sobre as diversas vezes em que por meio da não aceitação e da necessidade de me incluir ao dito “normal”, fui oscilando e criando identidades, pois desde muito cedo estive diante de diversas formas de opressão, as quais fizeram adaptar-me aos grupos que eu estava inserido e também, como uma maneira falha de passar sem ser notado, pois quase sempre eu era motivo de chacota nas rodas de amigos. Recordei-me também o quanto religiões fundamentalistas me condenavam por ser um menino fora dos padrões ditos normais e pregavam ódio ao meu próprio corpo me fazendo crer que aquele corpo não era passível de amor. O jeito que eu andava, falava, me comportava e gesticulava, incomodava tanto, que ouvi de muitas pessoas que “ser gay era doença. Ser gay era sem vergonhice”. A falta de entendimento e representatividade faziam com que os discursos e as palavras me fizessem questionar sobre o quão errado eu estava e me submeter a pensamentos de mudança para a dita “normalidade”. Então, foi através dessas e de outras centenas de indagações proporcionadas pelo meu Trabalho de Conclusão de Curso, que decidi continuar tais reflexões.

Desse modo, no ano de 2021 submeti meu projeto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), concentrado na área Linguagem, Identidade e Subjetividade. Portanto, minha decisão foi em contemplar as narrativas autobiográficas de pessoas que possuem suas identidades interseccionadas, assim como as minhas. Busquei então, por bixas¹ pretas, que estudaram na cidade de Ponta Grossa no ensino público ou no ensino privado, a fim de identificar como foi retratado, no ambiente escolar, as questões que se referem a interseccionalidade de sexualidade com raça e classe social, tendo em vista que, minhas experiências no ensino básico foram na minha cidade natal, Telêmaco Borba. Assim sendo, procuro observar a percepção

¹ O termo utilizado com a letra “X”, provindo da canção de Linn Da Quebrada - “Bixa Preta”, tem como objetivo romper com as estruturas normativas das escritas e descolonizar seu sentido original. No texto será utilizado a escrita tanto com “X”, como também, “CH”, buscando manter a literalidade das citações utilizadas. Dos Santos e Colc (2021) evidenciam que, esse termo apresenta-se “dentre tantas outras significações, como uma maneira pejorativa para designar pessoas do gênero masculino de sexualidade dissidente, sobretudo pessoas afeminadas. Porém, é interessante observar que um signo linguístico pode apresentar, em sua dinâmica de uso, uma disputa pelos falantes em torno do seu significado. Nesse sentido, a comunidade LGBTQIA+ e os campos de estudos *queer* apropriam-se do termo propondo uma ressignificação positiva” (DOS SANTOS; COLC, 2021, p. 41)

das bixas pretas em relação a esses assuntos dentro do ambiente escolar que estavam inseridas, uma vez que, é de extrema relevância que assuntos sobre raça, gênero, sexualidade, classe e os múltiplos sistemas arbitrários sejam pautados não somente em contexto social, bem como, em contexto educacional.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

As identidades construídas sócio-discursivamente interseccionam-se dando ao indivíduo dois ou mais marcadores sociais. Ou seja, quanto mais marcadores sociais esse indivíduo possuir, maior será seu silenciamento, por consequência, possivelmente, sofrerá mais opressão e as possibilidades de acesso ao poder² serão menores. Acima de tudo, sabe-se que, vivemos em uma sociedade calcada no racismo estrutural, na desigualdade social, na LGBTQIA+fobia, no sexismo, no machismo, no capacitismo e entre outras formas de opressão, discriminação e preconceito. Essa sociedade instituída pelo colonialismo europeu, projeta, inúmeras vezes, uma máscara de silenciamento que provoca a exclusão, a segregação e até mesmo, em casos mais graves, a morte. A teórica portuguesa, Grada Kilomba afirma que

“[...] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?” (KILOMBA, 2010, p. 172).

Dessa forma entende-se que, o poder de voz e vez está, majoritariamente, com homens, héteros, brancos e de classe social privilegiada. Diante disso, concentramos nossa atenção, nas bixas pretas, que por sua vez possuem interseccionalidades de gênero, sexualidade, raça e levando em consideração um dos seguimentos de ensino - o particular -, que será abordado nesse trabalho, a identidade social de classe. Assim, pretendo analisar sobre a percepção dessas bixas pretas em relação ao ensino básico ao qual fizeram parte.

² Lugares de privilégios e acesso facilitado a ferramentas que àqueles que se aproximam mais do dito “padrão”, construído por nossa sociedade cisheteropatriarcal branca, tem maior facilidade para acessar.

Esses espaços educacionais, público e privado, além de ensinar, tem como objetivo formar cidadãos, não segregar, não excluir e não discriminar; porém, tendo em vista que nossa sociedade está alicerçada no cisheteropatriarcalismo, e isso influencia diretamente nessas instituições de ensino, percebe-se que bixas pretas, sofrem, na maioria das vezes, com o silenciamento descrito pela teórica Grada Kilomba (2010); pois a escola se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funcionando como uma das principais instituições guardiã das normas de gênero e sexualidade, produtora da heterossexualidade (MEIRA; FERREIRA, 2019, p. 1699), consequentemente, o sistema educacional ancorado na cisheteronormatividade,³ utiliza inúmeras formas, inclusive religiosas, para invisibilizar, negar, segregar, discriminar e excluir pessoas que não estejam de acordo com aquilo que eles denominam como “normal” e assim, a bixa preta tende a enfrentar essas inúmeras formas de apagamento e silenciamento dentro dessas instituições.

Megg Rayara Gomes OLIVEIRA (2017), a primeira travesti negra a defender uma tese de doutorado no Brasil, ressalta que “[...] para que um gay afeminado, viado ou bicha preta consiga permanecer na escola é necessário que desenvolva estratégias de resistência tanto contra o racismo quanto contra a homofobia” (OLIVEIRA, 2017, p. 49), pois a ausência de assuntos ligados a sexualidade e gênero, além da pouca abordagem sobre raça e classe social, são responsáveis pelo silenciamento diante diversas opressões e discursos discriminatórios, tornando-se um fardo pesado para àquelas que são interseccionadas por diversos marcadores sociais.

Portanto, levando em consideração que as narrativas autobiográficas têm se tornado grandes aliadas para a formação identitária, pois proporciona ao indivíduo que narra a chance de refletir e ressignificar atos e discursos vivenciados, e através da intersecção dos conceitos de raça, sexualidade e classe social, que busco questionar e reflexionar sobre as vivências particulares das bixas pretas, providas de escolas públicas e privadas da cidade de Ponta Grossa. Além disso, “abordar o tema a partir de narrativas autobiográficas faz uma grande diferença no entendimento da dimensão da necessidade da reflexão e possivelmente propor

³ A cisheteronormatividade, é aqui entendida com a mesma definição de heteronormatividade: “uma medida e uma forma de regulação da vida – que articula uma linha de “coerência” fixa entre o corpo, o gênero e a sexualidade” (DORNELLES e POCAHY, 2010). Já o prefixo “cis” foi adicionado em referência cisgêneridade também esperada pela norma, algo que gera o alto índice de mortes de sujeitos trans e travestis no Brasil. (FREITAS; LIMA, 2019)

ações para as práticas pedagógicas que ocorrem em sala de aulas de línguas” (FERREIRA, 2015, p. 19), ou seja, nos apresenta caminhos possíveis para que as instituições de ensino sejam determinantes na formação identitária de discentes envolvidos por pluralidades identitárias.

CONTEXTO DA PESQUISA E JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa concentra-se na área Linguagem, Identidade e Subjetividade e, conseqüentemente, à luz do conceito de “Escrevivência” proposto pela escritora Conceição Evaristo (1994; 2005), em sua dissertação de mestrado e nas obras da linguista, tem como interesse as identidades sociais de sexualidade/gênero interseccionada com raça e classe social. Dessa maneira, envolve narrativas autobiográficas de, especificamente, quatro bixas pretas oriundas do ensino básico, público e privado, da cidade de Ponta Grossa, identificando em suas narrativas a percepção, dessas participantes de pesquisa, quanto à sua passagem pela escola e como isso influenciou em sua construção identitária.

O termo “Escrevivência”, utilizado como ferramenta de reflexão nesse trabalho, trata-se da experiência vivida pelo autor, que escreve sobre si, como forma de viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva. Para Soares; Machado (2017)

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. (SOARES; MACHADO, 2017, p. 206)

Nesse sentido, a pesquisa iniciou-se através das minhas reflexões particulares compartilhadas em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), perpassando as sondagens das participantes de pesquisa através de redes sociais (MOITA LOPES, 2010). Posteriormente, no mês de abril do ano vigente (2022) foi feito o convite e, conseqüentemente, a entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No mês de junho foi então marcado as entrevistas, separadamente, com cada participante e essas responderam às perguntas pré-elaboradas relatando através desses questionamentos suas experiências.

Quanto ao termo “bixa/s” utilizado com a letra “X”, faz referência à canção “Bixa Preta” da artista trans negra, Linn Da Quebrada, e tem como objetivo questionar e romper normativas de gênero e sexualidade das escritas e decolonizar seu sentido original. Dos Santos e Colc (2021) evidenciam que, esse termo apresenta-se, apesar de

tantas outras significações, como uma maneira pejorativa para designar pessoas do gênero masculino de sexualidade dissidente, sobretudo pessoas afeminadas. [...] é interessante observar que um signo linguístico pode apresentar, em sua dinâmica de uso, uma disputa pelos falantes em torno do seu significado. Nesse sentido, a comunidade LGBTQIA+ e os campos de estudos *queer* apropriam-se do termo propondo uma ressignificação positiva” (DOS SANTOS; COLC, 2021, p. 41)

Ou seja, através da sua frequente utilização o termo grafado com “X” se torna-se uma ferramenta indispensável para romper e ressignificar ainda mais, com o teor pejorativo da palavra “bixa”. Além disso, ao grafar o termo *bixa preta* com a letra X, tensiono a cis heteronormatividade em relação à raça, destacando que dentre muitas outras formas de existir. Ainda, a utilização do termo “preta/s” desloca características sociorracialmente negativas à cor da pele preta e, conseqüentemente, à raça negra e sua associação direta com a escravização (OLIVEIRA, 2017, p. 43), de modo que cria possibilidades para discutir outras vivências questionando modelos eurocentrados tanto cis heteronormativos, quanto brancos.

Além disso, ao delinear dois seguimentos de ensino, público e privado, para refletir sobre as narrativas das bixas pretas que passaram por um desses seguimentos, justifico minha escolha pois, o ensino público e privado, majoritariamente, marca a diferença de classe, elitização e apresenta o capital cultural ⁴ (BORDIEU; PASSERON, 1977). Ou seja, “identidade de classe está intrinsecamente associada a questões de poder” (DIAS, MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2015, p.81-82), desse modo, levando em consideração que o seguimento de ensino particular é um espaço elitizado e que, simbolicamente, apresenta-se como local de poder, meu objetivo é refletir como a bixa preta inserida

⁴ Esse termo apresentado por Bordieu e Passeron (1977), faz referência ao conhecimento e às diferentes formas de pensamentos que caracterizam os diferentes povos, pertencentes a diferentes classes sociais. Assim, algumas formas de capital cultural possuem maior valor simbólico de troca do que outras, em relação ao conjunto de norma social que rege uma sociedade. (DIAS, MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2015, p.81)

nesse espaço relata sobre o entendimento do ensino de línguas nesse seguimento, bem como, quanto ao espaço público frequentado por outra(s) bixa(s) preta(s), visto que muito se têm pesquisado sobre narrativas autobiográficas de discentes bixas pretas de escolas públicas, porém, não há pesquisas evidentes que corroborem vivências dissidentes em escolas de seguimentos particulares.

Dessa forma, essa pesquisa “é de particular relevância aos estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida (FLIK 2009, p. 20)”, pois percebe-se que apesar da abordagem da experiência vivida não ser uma tarefa fácil por se tratar da busca de situações experienciadas que fazem sujeitos refletirem e repensarem todas as opressões sofridas, auxiliam para ressignificação e respostas para possíveis questionamentos quanto a construção identitária.

OBJETIVO

- Identificar nas narrativas das bixas pretas do ensino público e privado como foi a abordagem acerca de identidades de sexualidade interseccionadas com raça e classe social.

PERGUNTA DE PESQUISA

- Quais são as experiências das bixas pretas que estudaram em escolas públicas e privadas em relação às identidades sociais de sexualidade interseccionadas com raça e classe social?

ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Com a intenção de atingir o objetivo proposto e responder à pergunta que compõem esta pesquisa, esse trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, Referencial teórico, está subdividido em três seções. Na primeira seção 1.1, “Identidades de sexualidade interseccionadas com raça e classe social”, apresento o conceito de identidade, ancorado em Gomes (2002); Woodward (2014), bem como, a abordagem sobre os conceitos de sexualidade, raça e classe social (LIMA, CERQUEIRA, 2007; SILVA, 2017; SILVA JUNIOR, 2019; OLIVEIRA, 2017;

VEIGA, 2018; HILÁRIO, DIAS PEREIRA, 2020, RIOS 2020) e interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019), que são chaves para essa pesquisa. Na segunda seção, intitulada “Narrativas autobiográficas de bixas pretas e interseccionalidades” trago, através de Lima, Cerqueira, (2007); Silva, (2017); Oliveira (2017); Veiga (2019); Silva Junior, (2019); Hilário, Dias Pereira (2020); Rios (2020) reflexões acerca das experiências de bixas pretas em diferentes contextos sociais, a fim de dialogar com as experiências expostas pelas entrevistadas nessa pesquisa. Por fim, na seção 1.3, intitulada “Pesquisas recentes de bichas pretas e interseccionalidades”, apresento dois quadros sobre pesquisas recentes ligadas a bixas/bichas pretas para poder evidenciar as pesquisas que abordam sobre esses marcadores - sexualidade discordante, raça e classe social em relação ao ambiente escolar.

O segundo capítulo descrevo o percurso metodológico da pesquisa com base em, Almeida Filho (1992), Moita Lopes (1994; 2009) e Diamanovic (2005) ao que se refere a Linguística Aplicada, doravante LA, para embasar as reflexões sobre Pesquisa qualitativa debruço-me em Flick (2009), Bortoni Ricardo (2008) e Godoy (1995). Além disso, na seção Pesquisa Narrativa anoro-me em Caetano (2006) e Nelson (2015); ao que se refere à Narrativas Autobiográficas e Entrevistas, trago à baila reflexões através de Vassalo, Telles (2008) e Duarte (2004); ademais, Celani (2005), dentre outros referenciais para apoiar a metodologia adotada, apoiam as reflexões sobre Ética em Pesquisa.

No terceiro capítulo, intitulado “Baseado em carne viva e fatos reais”, título este, inspirado na cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira Linn da Quebrada, trago as análises e gerações de dados através das narrativas das participantes de pesquisa. Esse capítulo está subdividido em quatro subseções nomeados como: 3.1 Família frente a descoberta da bixa preta; 3.2 Entre violências e resistências: o caminho escolar da bixa preta; 3.3 Mercado de trabalho: um espaço (im)possível para a bixa preta; 3.4 Me quiseram só, me fiz sol: da depressão ao autoamor. O aporte teórico utilizado nesse capítulo, além de minhas reflexões acerca das narrativas, ancora-se no capítulo 1 desse trabalho.

Por fim, apresento no capítulo quatro as considerações finais parciais desse trabalho, levando em consideração as narrativas autobiográficas coletadas e respondendo à pergunta de pesquisa. Portanto, diante do exposto nas linhas acima,

início no Capítulo 1 minhas reflexões, juntamente dos autores que alicerçarão o Referencial Teórico dessa pesquisa

1 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico dessa pesquisa foi desenvolvido versando apresentar as identidades de raça interseccionadas com sexualidade e classe social. Para isso, debruço-me nos estudos sobre identidades (GOMES 2002; WOODWARD, 2014); nas intersecções entre sexualidade, raça e classe social (LIMA, CERQUEIRA, 2007; SILVA, 2017; SILVA JUNIOR, 2019; OLIVEIRA, 2017; VEIGA, 2018; HILÁRIO, DIAS PEREIRA, 2020, RIOS 2020), bem como, conceito de raça e racismo (ALMEIDA, 2020; MUNANGA, 2004) além de conceituar interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019).

1.1 IDENTIDADES DE SEXUALIDADE INTERSECCIONADAS COM RAÇA E CLASSE SOCIAL

De acordo com Kathryn Woodward (2014) as identidades são construídas através da representação, ou seja, “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2014, p. 18). Além disso, construímos, também, nossa identidade através da marcação da diferença, seja ela *simbólica* ou *social*, sendo a simbólica para dar sentido as práticas e social a efetivação da classificação, isto é, quem é excluído e quem não.

Kathryn Woodward (2014), afirma que

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, 2014, p. 40)

Todavia, ao tratar-se de identidade racial negra e/ou negritude, podemos afirmar que a representação vem da diferença pois, ao sermos identificados com traços negróides, automaticamente e, mesmo antes de nos identificarmos como tal, somos acusados de sermos negros. Nilma Lino Gomes entende a identidade negra

como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um

grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade (GOMES, 2002, p. 40)

Isto é, através de um sistema classificatório que, aciona-se, consequentemente, as oposições binárias que incorporam a relação de privilégio de uma identidade como sendo melhor que a outra, ou então, estabelecendo uma identidade como norma em detrimento de outra, desviante da identidade socialmente construída como norma. Segundo Kabengele Munanga (2019)

Em primeiro lugar é importante frisar que a *negritude*, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negro e amarelos. A *negritude* e/ou identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. (MUNANGA, 2019, p. 19)

Ou seja, apesar de que, ainda que esse processo de construção identitária seja mutável e não estático, de modo que através de relações sociais o sujeito constrói e (re)constrói sua própria identidade pois, por meio do contato com pessoas, objetos e eventos, a soma de identidades que compõem o sujeito é extremamente diversa e extensa em sua verdadeira representação, a identidade negra em si não deve ser lida como reivindicação, mas sim como acusação do outro.

Dessa maneira, raça a partir de sua epistemologia, possui grande controvérsia. O que se pode dizer com mais segurança, é que, primordialmente, raça foi empregada para classificar espécies animais e vegetais, passando no decorrer dos tempos, a ser usada para categorizar seres humanos (ALMEIDA, 2020). Esta distinção, porém, transformou o europeu no homem universal, desumanizando e racializando os negros e àqueles que se distanciavam do homem universal. Além disso, colocava-os como ferozes, bestiais, lascivos, violentos, com pouca inteligência e até mesmo associando-os a animais ou insetos (ALMEIDA, 2020, p. 24-25).

O filósofo Silvio Almeida (2020) relata que, no decorrer do tempo, constatou-se a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a

moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos. Contudo, como cita o próprio filósofo

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a histórica da constituição política econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2020, p. 24-25)

Todavia, mesmo que estudos antropológicos e biológicos comprovem que não existem diferenças culturais ou biológicas que justifiquem ato ou atos discriminatórios entre indivíduos, a noção de raça ainda é um fator político importante para segregar, naturalizar desigualdades, validar discursos e genocídios, pois grupos sociologicamente considerados minoritários estão diretamente atravessados pelo sistema racista presente na sociedade.

Portanto, o conceito de raça se configura como categoria discursiva

Isto é, ela é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais(discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas -cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais etc.- como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2019[1992], p.37, grifo do original)

Portanto, pode-se dizer que racismo é definido por seu caráter sistêmico e não se resume apenas a um ato de discriminação ou mesmo um a conjunto destes. Trata-se de um processo fundamentado em categorizar humanos, que se utiliza do poder político, econômico e social, de maneira consciente ou inconsciente, pra segregar, dividir e classificar indivíduos.

Nesse sentido, ao falarmos de raça, consequentemente, há necessidade de apresentar o termo racismo. O racismo, segundo Almeida (2020), pode ser dividido em três concepções: individualista, institucional e estrutural. No que concerne ao racismo individualista, a existência dessa discriminação racial pode não ser assumida, pois essa concepção justifica que há um fenômeno ético ou psicológico, de caráter individual ou coletivo, dirigidos a grupos isolados. O que essa concepção

revela é que, o que pode haver é preconceito, desviando os olhares de sua natureza política para afirmá-lo como uma postura ligada ao psicológico.

Esta concepção revela o quanto a cultura de dominação promove vícios de inverdades e negacionismos, com cita a autora bell hooks (2017, p. 44) “[...] muitos brancos (e até negros) afirmam que o racismo não existe mais e que as sólidas oportunidades de igualdade social existentes habilitam qualquer negro trabalhador a alcançar a autossuficiência econômica”. Isto é, a concepção individualista busca promover inverdades, alimentando a desinformação e reafirmando a cultura da dominação.

Por outro lado, a concepção institucional foi um grande avanço teórico, pois percebeu-se que o racismo não se condensa ao comportamento individualista. A concepção institucional refere-se à desigualdade existente na estrutura da sociedade e nas instituições aplicando, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.

Na visão de Almeida (2020) o racismo institucional se dá por meio de estabelecimentos de parâmetros de discriminação com base na raça, para manter a supremacia de determinado grupo racial no poder. O filósofo ainda discorre que é por meio desses parâmetros que são impostos, por um grupo “dominante”, padrões de beleza, culturais e práticas de poder tornando-o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade (ALMEIDA, 2020).

Assim, mesmo que sutil, menos evidente, e difícil de discernir, este modelo de racismo não é menos destrutivo, pois apresenta alterações nas regras, nos padrões, no seu modo de funcionamento e na instituição, criando políticas de ações afirmativas para aumentar a representatividade das minorias raciais e alterar a lógica discriminatória dos processos institucionais (ALMEIDA, 2020).

Diante disso, apesar da separação feita pelo filósofo Silvio Almeida e a existência teórica dessas concepções, o seu modelo estrutural se apresenta como o mais elucidativo, visto que se as instituições são racistas é porque a sociedade é racista. Isto é, se há padrões e regras que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros, essas práticas racistas são reproduzidas pelas instituições e não criadas por elas. Almeida explica

que o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2020, p. 50)

Portanto, é possível dizer que o racismo estrutural é uma herança deixada, pois mesmo após a abolição da escravidão, inseriu milhões de pessoas negras na sociedade brasileira sem nenhum suporte. Com isso, os negros foram obrigados a ocuparem lugares precários e viverem sem emprego, sendo estigmatizados de preguiçosos e que não gostam de trabalhar.

Com isso, percebe-se como o racismo foi estruturando-se em processo político e histórico, privilegiando aqueles que seguiam/seguem o padrão eurocêntrico formado por características do ser branco, cristão e heterossexual. Além disso, o racismo foi se firmando e ganhando força nos atos e discursos da sociedade, sendo hoje considerado na sua concepção estrutural.

Dessa forma, para adentrarmos interseccionalmente na abordagem raça, sexualidade, gênero, e classe social se faz necessário conceituar o termo chave da pesquisa, interseccionalidade, empregado frequentemente no texto.

Defino, previamente, a interseccionalidade, como a interação entre dois ou mais marcadores sociais que definem uma pessoa; raça, gênero, sexualidade, classe social, idade, etc. Isto é, mesmo que as identidades se construam de maneira autônoma, elas não afetam o indivíduo que é atravessado de maneira separada, logo se nos depararmos com duas bixas, ambas afeminadas, classe social baixa, diferenciando-se pela cor da pele, uma negra e a outra branca, é provável que as duas sofram retaliações, sejam alvo de chacota, entre outros tipos de preconceitos porém, a bixa preta, mesmo assim, tende a sofrer mais pela cor da sua pele, pois sua interseccionalidade atravessara questões de gênero, sexualidade, classe social e raça.

Diante disso, a interseccionalidade foi primordialmente cunhada no ano de 1989 pela jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw, sob reivindicações pautadas na exclusão tanto pelo movimento antirracista, quanto pelo movimento feminista de mulheres brancas, em relação ao preterimento de mulheres negras na sociedade estadunidense. Segundo Akotirene (2019), a interseccionalidade surge para "dar instrumentalidade teórico metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo,

capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 19). Ou seja, através desse conceito podemos tornar possíveis discussões que abordem as identidades sociais que se entrelaçam nos indivíduos. Crenshaw (2002), porém, não delimita o conceito apenas as causas feministas negras, racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, a autora enfatiza o acesso da interseccionalidade para abordar outros marcadores sociais. A autora declara que a interseccionalidade é

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes, *gênero*, *sexualidade* e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177, grifo meu)

Desse modo, a interseccionalidade nos permite perceber quando as avenidas identitárias colidem, pois mesmo construídas separadamente, há um dado momento em que essas identidades se encontram, ou seja, se interseccionam. Portanto, apoio-me nesse conceito, com o intuito de refletir sobre as identidades de sexualidade, de gênero, de raça e de classe social, interseccionadas.

Assim sendo, ao adentrar no tema principal da pesquisa que é refletir sobre bixas pretas, ao interseccionar sexualidade, gênero, raça e classe social, percebe a negação econômica dessa bixa preta tanto na sexualidade, quanto em relação ao seu pertencimento racial. Quanto a raça percebe-se que essa se refere a classe social, como ideologia de que as distâncias sociais são motivadas apenas pela questão econômica e pauta-se fortemente no mito da democracia racial, criando assim a ideia de uma ascensão exclusivamente individualista, ocultando as estruturas sociais pautadas no racismo que dificultam e negam acessos às pessoas de pele escura. Em concordância ao pensamento do racismo estrutural, Lima e Cerqueira (2007), discorrem que

O homossexual negro, sem capacidade de consumo, sem poder econômico e prestígio em função do racismo, encontra-se, portanto, deslocado do padrão identitário aceito, inclusive no mundo heterossexual brasileiro liberal, que dessa forma cede à pressão por aceitação social dos homossexuais desde que estes sejam brancos ou

embranquecidos e consumidores vorazes. (LIMA; CERQUEIRA, 2007, p. 7)

Portanto, a raça, sexualidade e classe social operam para deslegitimar a presença de bixas pretas em espaços de poder, pois a aceitação da homossexualidade na sociedade se dá através de sua cor de pele e poder de consumo. Assim, nota-se a materialização da interseccionalidade desses três marcadores sociais - sexualidade, raça e classe social -, pois

deslocado de um padrão hegemônico, o homossexual negro experimenta a negação, *tanto no universo heterossexual, quanto, no mundo homossexual* – seus clubes, boates, espaços de confraternização, trajetórias pessoais modelares, imagens, mídia gay, sua perspectiva de poder e padrões de consumo sempre têm como referência o homossexual branco” (OLIVEIRA, 2017, p. 93)

Diante disso, apesar das relações estabelecidas entre raça e sexualidade, muitas vezes, não operarem de maneira simultânea, pois, à medida que nas interações sociais de gays afeminados, viados e bichas pretas, o racismo pode ser o destaque, na vida de outros pode se destacar a homofobia (OLIVEIRA, 2017), a intersecção desses marcadores sociais na vida de uma bixa preta tende a ser um enorme percalço.

Silva (2017) expõe que “o peso social do racismo maior que da homofobia nas vivências de negros homossexuais parece surgir em decorrência do processo de referência social hegemônica de princípios e valores ligados à ideologia do embranquecimento [...]” (SILVA, 2017, p. 77), ou seja, é através das relações de poder que estabelece a superioridade racial branca.

Essa superioridade racial branca ou branquitude

É entendida como uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2014, p. 136)

Isto é, a percepção da proximidade com a raça branca, deslegitima e exclui tudo que dela se afaste, além de proporcionar caminhos de privilégios, materiais e simbólicos, no mundo social e do trabalho que não são tão facilmente alcançados

por àqueles que se distanciam racialmente. Porém, a branquitude apresenta-se também com contradições, pois não só estabelece distinções entre brancos e negros como também hierarquizam sujeitos racialmente brancos, levando em consideração, a classe social, gênero, origem, fenótipo, regionalidade (SCHUCMAN, 2014, p. 136). Deste modo, é possível afirmar que quem detêm poder da branquitude é majoritariamente homens, brancos, héteros e de classe social privilegiada, sendo o motivo principal para o silenciamento de masculinidades raciais e sexuais, dissidentes.

Nessa direção, Oliveira (2017) acrescenta que

Essa masculinidade se utiliza da branquitude e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades periféricas. Assim, assegura a manutenção de uma estrutura patriarcal que reproduz visões do regime escravista. (OLIVEIRA, 2017, p. 94)

Por esse motivo, a homossexualidade negra, representada aqui pela bixa preta é, portanto, negada a negritude visto que, criou-se o estereótipo de que a raça negra está intrinsecamente ligada a heterossexualidade, pois esta é associada a virilidade, força e produto da hiperssexualização (LIMA, CERQUEIRA, 2007, p. 7), ou seja, essa estereotipização da masculinidade negra opera de modo que marginaliza ainda mais a bixa preta, pois a ela é dada apenas as características geradas pela sociedade quanto ao homem negro, e “essa expectativa em relação ao homossexual negro interfere no processo de afirmação da sua orientação sexual: colocada num plano específico, reduz suas possibilidades de atuação” (OLIVEIRA, 2017, p. 95) pois, destina-se ao negro o papel de objeto sexualmente ativo nas relações, colocando àquelas que fogem dessa normativa em um não-lugar.

Diante disso, “é justamente através do racismo que emerge a identidade homossexual hegemônica e da homofobia, a identidade masculina negra. Assim, o dispositivo de racialidade e de sexualidade se cruzam, lugar onde as masculinidades ditas periféricas são exercitadas” (OLIVEIRA, 2017, p. 93). Assim, é possível inferir que a interseccionalidade apresenta-se como peça fundamental para esta investigação, visto que, o racismo tende a potencializar a homofobia, assim como, a homofobia propende a reforçar o racismo.

1.2 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS E INTERSECCIONALIDADES

Desde muito cedo, seja na família, escola, igreja, roda de amigos ou mesmo na rua, a bixa preta é apresentada a um mundo de exclusão, rejeição e represálias. “A *bixa* nasce no discurso!” (OLIVEIRA, 2017, 98). Discursos e agressões como, *Bixinha; Viadinho; Boiolinha; Mariquinha; Anda igual homem; Fala mais grosso; Isso é coisa de menina*; entre outros discursos; são disparados como bala de arma de fogo nos informando que as nossas atitudes, por mais involuntárias que sejam, são pecaminosas e que estamos em desacordo com as normas impostas pela sociedade. Segundo a Professora Dra. Megg Rayara Gomes de OLIVEIRA (2017)

antes mesmo de adquirirmos consciência do potencial repressivo que esse termo (bixa) tenta impor, ele é lançado como um torpedo que tenta um aniquilamento. Um grito que ecoa do outro lado da rua ou no pátio da escola, um desenho tosco na parede de um banheiro público, uma pregação religiosa: Bicha! (OLIVEIRA, 2017, p. 98).

Essas manifestações contrárias, ofensas, piadas e rejeições ocorrem em diversos lugares sociais e, na maioria das vezes ancoradas em discursos de religiões fundamentalistas, calcadas no racismo estrutural e na LGBTQIA+fobia pregam/vam o ódio ao corpo que ainda aprendemos a amar, pois, “coincidência ou não, na mesma época em que o Diabo ganha cor e forma – pele preta, chifres, patas de cabra e rabo pontiagudo – sua associação com a homossexualidade se cristaliza” (OLIVEIRA, 2017, p. 15), fazendo crer aos quatro cantos que a homossexualidade fosse algo imoral, pecaminoso e, ancorados em um cientificismo ultrapassado, que somos passíveis de mudança quanto a nossa sexualidade. Hilário e Dias Pereira (2020) coadunam que a

primeira opressão que percebemos, é quanto a sexualidade, que assim como a de todo homem afeminado é posto em cheque no primeiro momento, deste modo, independentemente do garoto possuir a mínima noção de seus afetos e desejos, a comunidade escolar já impõe a ele uma “tarja” escrita “bicha”, e desde cedo, ele descobre que ser do seu jeito é ruim, se obriga a uma adaptação forçada a matriz hegemônica, o que lhe causa dor e sofrimento, por ter que ajustar comportamentos gestuais, de voz, roupas, dentre outros. (HILÁRIO, DIAS PEREIRA; 2020, p. 8-9)

Assim dizendo, não importa o quanto há de consciência a um indivíduo, ele será sempre julgado e reprimido pelo modo como se comporta, fala e expressa seus sentimentos. Se esse indivíduo se apresenta em discordância com as normas impostas pela sociedade, seja ela de raça, classe ou sexualidade, é a ele destinado a mudança, adaptação ou então, será excluído, segregado ou até mesmo exterminado. Nesse caso, um dos primeiros contatos da bixa preta, ainda criança, fora do âmbito familiar, é a escola. É nesse ambiente de convívio com outras crianças e adultos que a bixa preta experiencia as repressões e tentativas de “cura”.

As instituições de ensino, muitas vezes, não estão preparadas para receber pluralidades identitárias e preferem manter o seu modelo tradicional, colocando-se como guardião das normas (MEIRA; FERREIRA, 2019) cis heteropatriarcais. Segundo Oliveira (2017) “a escola funciona como um grande armário e procura manter dentro dele os corpos que tentam escapar, especialmente pretos e os gays afeminados, viados e bichas” (OLIVEIRA, 2017, 144), e isso se dá através de diversos dispositivos que operam através de discursos, representações e repressões. Oliveira (2017), ainda acrescenta que

As imagens apresentadas nos livros didáticos, assim como antigamente, continuam afirmando padrões de branquidade e da norma cisgênera heterossexual. Além disso, informam que indivíduos dissidentes dos “padrões”, como negros, pobres, gays, lésbicas, bissexuais, travesti, transsexuais, bem como, indivíduos que são atravessados por interseccionalidade, terão uma caminhada conturbada dentro da escola. (OLIVEIRA, 2017, p. 20)

Essa caminhada, passa por diversos dispositivos de controle em relação ao corpo da bixa preta, pois a ela é disponibilizado a opção de se encaixar nos padrões sociais, educacionais, econômicos, culturais e políticos dessa sociedade ou viver em constante batalha contra esses padrões. Segundo Rios (2020) “a escola se apresenta num misto entre o possível espaço de construção da liberdade ao tempo em que também se coloca enquanto espaço que fabrica e dissemina preconceitos” (RIOS, 2020, p. 357). Ou seja, o desejo que o espaço escolar seja um local de diversidade e acolhimento, muitas vezes, torna-se o armário que tenta esconder e máscara que insiste em calar. Dessa forma, apesar de não estar de acordo com as imposições, muitas bixas pretas se calam e procuram maneira de se adequar, forçadamente, à dita normalidade.

O fato de uma bixa afeminada preta, estar sempre disposta a participar de atividades dentro da escola, a colocam em um lugar de destaque. Esse lugar, torna a bixa preta alvo tanto de críticas, quanto de elogios. As críticas perpassam desde os adultos a colegas de escolas. Os comentários sobre os trejeitos, o comportamento ligado a maneira em que meninas se comportam, são frequentemente lançados em direção a bixa preta pois, “uma criança não pode governar seu próprio corpo, mas é ensinada a governar os corpos dos gayzinhos afeminados, dos viadinhos e das bichinhas” (OLIVEIRA, 2017, p. 114). Esses comportamentos dos colegas e adultos, neste caso professores, equipe pedagógica e pais, em relação a bixa preta, na maioria das vezes, tende a despertar um alerta de que algo não está correto, “expondo de forma objetiva que nas sociedades patriarcais heterossexistas não há outra possibilidade se não o ajustamento” (OLIVEIRA, 2017, p. 29) pois, nesses ambientes, majoritariamente, não se encontra ninguém que sirva de representatividade ou que esteja disposto a compartilhar pensamentos sobre as vivências, deste modo, o constante processo de tentativa de mudança e encaixe ao meio em que se insere, é frequente. Esse processo de tentativa de mudança, percorre a não aceitação identitária na infância, na adolescência e vida adulta, ao pouco entendimento sobre tais conceitos – ser homossexual e negro –, ao fato de ser criado dentro dos dogmas cristãos, e a falta de representatividade quanto a raça e sexualidade.

Diante, percebe-se que a bixa preta, vai crescendo e, por vezes, oscilando identidades em busca de seu caminho, e tendo, muitas vezes, a sensação de não-lugar (VEIGA, 2018). Além disso, a falta de entendimento e representatividade faz com que nós enfrentemos essas oscilações identitárias, a busca por um lugar e, conseqüentemente, soframos inúmeras agressões físicas e verbais, bem como, diversas situações vexatórias pois, nossos grupos de amigos são, majoritariamente, compostos por bichas brancas.

Ainda, não conseguir se identificar como uma bixa preta, passa por diversas questões, a exemplo, orientação e representatividade. Lucas VEIGA (2018) discorre que

Ter crescido vendo os super-heróis sendo representados por homens brancos; seus personagens favoritos das novelas ou de muitos filmes serem brancos; as pessoas que ocupam lugares de poder na

sociedade serem brancas; a pornografia gay em revista ou em audiovisual ser predominantemente composta por bichas brancas; os filmes de temática LGBT serem majoritariamente protagonizados por pessoas brancas, tudo são experiências de rejeição que as bixas pretas vivenciam, ainda que de modo inconsciente. (VEIGA, 2018, p. 84)

Essas representações sempre nos informaram que nosso lugar era o de não-desejável, não éramos passíveis de amor, e muito menos poderíamos representar algo na sociedade, pois estávamos intrinsecamente associadas diretamente a escravização, propensão ao crime e quando muito nos desejavam, o motivo era/é a hiperssexualização, levando em consideração o estereótipo do negro de apetite sexual incontrollável.

A exemplo da falta de representatividade e entendimento – e agora como sendo também o lugar de onde falo -, fez com que inúmeras bixas pretas, fossem comparadas com a personagem Vera Verão. A personagem Vera Verão⁵, hoje ícone de representatividade para muitos, estampou o programa televisivo “A Praça é Nossa” na década de 90. A personagem interpretada no programa humorístico, buscava tirar risos dos que a assistiam, através da sátira por meio da humilhação, fazendo com que o negro, gay, afeminado, ou seja, a bixa preta afeminada, na sociedade da época, fosse motivo de chacota. A única representação, na televisão brasileira, do homossexual negro, era um negro, gay, afeminado e espalhafatoso. Ver-se naquele personagem, na época, era algo absurdo – e de fato era, pois para os leigos/conservadores ser comparado a Vera Verão soava como algo depreciativo pois, para Rosângela HILÁRIO e DIAS PEREIRA (2020) “a masculinidade dissidente da *bixa* preta, que se sobrepõem e confronta a masculinidade universal é considerada uma afronta que deve ser ridicularizada, diminuída, escondida, controlada, negada” (HILÁRIO; DIAS PEREIRA, 2020, p. 4, grifo meu), e diante disso, a falta de entendimento fez com que, algumas bixas pretas compactuassem, de fato, com o pensamento da masculinidade universal, negando e depreciando a personagem a qual era comparada.

Além disso, os diversos dispositivos das mídias, ainda hoje, apresentam-se

⁵ O ator Jorge Lafond, cujo verdadeiro nome era Jorge Luiz Souza Lima, interpretava a personagem “Vera Verão” no programa humorístico “A Praça é Nossa”, do SBT. Negro, homossexual, afeminado e espalhafatoso, Lafond nasceu na Penha, subúrbio do Rio. Foi bailarino e depois começou a fazer TV. Vera Verão saía, como destaque em carros alegóricos de escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo e foi envolvido em diversas polêmicas em relação a sua orientação sexual.

como principais fontes de representação e representatividade e “crescer numa sociedade em que a beleza está no outro, e as marcas que o constituem física e historicamente são preteridas, tem um efeito subjetivo dilacerante sobre a constituição do senso de valor próprio, da autoestima” (VEIGA, 2018, p. 83), e é por esse motivo que, muitas vezes, com a autoestima enfraquecida, “e estando a bixa preta numa condição de rejeição dentro desses dispositivos, o lugar que lhe é relegado na economia do desejo é um não-lugar” (VEIGA, 2018, p. 84), pois “a negritude se apresentava como uma extensão da heterossexualidade, da mesma maneira que as sexualidades discordantes pareciam exclusivas de pessoas brancas” (OLIVEIRA, 2017, p. 31). Apesar desse não-lugar na economia do desejo ser destinado a bixa preta, ela encontra-se em uma esfera de preterimento, hiperssexualização, servindo como objeto para satisfazer desejos sexuais e não apta ao consumo e viver relações afetivas consistentes; como expõe Veiga (2018)

O não-lugar da bixa preta na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes, animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua performance sexual preenche o imaginário das bichas brancas, deixando pouco espaço para que a bixa preta possa entrar na economia do desejo como sujeito que tem um corpo e não apenas como corpo. (VEIGA, 2018, p. 84-85)

Diante disso, “assim como nas instituições escolares, universidades, entre outras, as redes sociais surgem [...] como mais um espaço que possibilita a interação, a socialização e trocas das mais diversas informações” (CORDEIRO, 2019, p. 47), muitas bixas pretas procuram por acolhimento também, em movimentos negros e movimentos LGBTQIA+, porém, dentro dos movimentos negros pouco se discute as questões de gênero e sexualidade, assim como, dentro dos próprios movimentos sociais voltados ao público LGBTQIA+, as discussões ainda são muito atravessadas pela supremacia branca e pelo racismo dela derivado, de modo que bixas pretas, mesmo nesses espaços mais plurais – nos quais se pressupõe o acolhimento a todos àqueles que possuem uma sexualidade desviante da cis-hétero-norma –, experienciem a recusa tanto afetiva, quanto por parte desses membros, majoritariamente brancos, de reconhecerem seus privilégios enquanto membros brancos dessas comunidades.

Apesar da recusa social quanto a existência da bixa preta, essas bixas

resistem e persistem pela sua existência desde muito antes. Diferentemente da bicha branca que, quase, não estampou os registros policiais no passado pela ousadia de se mostrar quem era, a bixa preta já preparava o terreno para que outras pudessem passar. Além disso, o termo “Bicha”, utilizado pela Professora Doutora Megg Rayara em sua tese, sugere uma adaptação da palavra francesa “*biche*”, que significa corsa, feminino do veado (OLIVEIRA, 2017, p. 102). Porém, Oliveira (2017) explica que

a *bixa* preta não dialoga com a *biche* de origem francesa e burguesa. Seus sinais estão assinalados no regime escravista. É ali que ela brota. Ao contrário da bicha branca burguesa, a *bixa* preta sai às ruas e desafia não apenas as normas de gênero, mas a própria polícia (OLIVEIRA, 2017, p. 108, grifo meu).

E é a partir dessa ousadia de desafiar normas que bixas pretas percorreram caminhos sinuosos e conturbados. Oliveira (2017) e Santos (1997) apresentam alguns desses caminhos enfrentados por bixas pretas no Brasil. Segundo Oliveira (2017, p. 110), a mais famosa, Madame Satã, dividiu espaço com outras bixas pretas no Rio de Janeiro entre 1900-1976, transfigurou o sentido de bicha e escreveu sua história na prostituição, malandragem e sistema prisional, juntamente com Cintura Fina e Tomba Homem. Francisco Manicongo, que era um sapateiro preto, afrontava as normas de gênero e borrava as fronteiras daquilo que era tido como feminino e masculino e saía às ruas com um pano “cingido” ao corpo para mostrar aos outros negros que podia servir como “mulher paciente”⁶ (OLIVEIRA, 2017, 108). Também, relata-se sobre o vadio preto conhecido como “Yaya Mariquinhas” que desafiava e ofendia a moral pública ao vestir-se de mulher pelas ruas de Salvador, e por sua ousadia, foi condenado a prisão pela polícia da cidade (SANTOS, 1997), “além do mais, Yaya Mariquinhas reivindicava um tratamento no feminino questionando de maneira escancarada a fixidez dos gêneros, desafiando a relação entre sexo biológico e gênero” (OLIVEIRA, 2017, p. 109). Estas bixas por não se enquadrarem aos modelos de gênero e sexualidade, e por desafiar a ordem e moral pública estampavam os tribunais do Santo Ofício, nos autos policiais e nas páginas dos jornais. Além dessas, há ainda na história (SANTOS, 1997) outros

⁶ (MOTT, 2003). Termo utilizado à época nas regiões da atual Angola e Congo para referir-se aos homossexuais passivos. (OLIVEIRA, 2017)

relatos de bixas pretas desafiando os “mecanismos tradicionais do pudor, da vergonha, da maledicência e do ridículo” (OLIVEIRA, 2017, p. 109), e sendo encarceradas a celas de cadeias policiais. Assim sendo, percebe-se que ser uma bixa preta afeminada confronta/ou, mesmo que de maneira involuntária, as ideologias dominantes como o conservadorismo.

Portanto, ser bixa sempre foi um problema para quem estava próximo. Ser *bixa* e preta era um problema ainda maior (OLIVEIRA, 2017, p. 107), e continua sendo. Portanto, é notável que ter o corpo atravessado pela intersecção raça, gênero, sexualidade e classe, ou seja, ser uma bixa preta, torna o processo de identificação doloroso, complexo e menos aceitável pois,

a masculinidade do homem negro, inclusive entre os homossexuais, fica reduzida ao seu sexo; e nas relações homoafetivas ou sexuais, simplesmente, o que se espera é que o parceiro de pele mais escura atue como ativo, e o parceiro mais claro, como o passivo. (SILVA JUNIOR, 2019, p. 177)

E dessa forma, a sociedade participa e contribui, efetivamente, para a perpetuação desses estereótipos quanto às masculinidades negras e a homossexualidade, disseminando discurso de que meninos negros precisam ser machos, fortes e viris, marginalizando tudo que dessa normativa, foge.

Mas, assim como a bixa preta nasce do discurso que a acusa de ser contra todas as normas impostas pela sociedade elas

reúnem em seus corpos tudo aquilo que a sociedade branca, patriarcal e heterormativa desejaria que desaparecesse: a coragem de sair dos subterrâneos e resistir, a criação de estratégias para sobreviver em territórios hostis e a audácia de dizer todos os nomes e sinônimos para amor (HILÁRIO, DIAS PEREIRA; 2020, p. 7)

Ser uma bixa preta é confrontar todo um sistema racista, heterossexista e cis gênero que informa sempre que vivências dissidentes da norma são impossíveis, porém, a bixa preta resiste e utiliza a mesma ferramenta de discurso que tenta exterminá-la para mostrar que sua vivência é possível e necessária.

1.3. PESQUISAS RECENTES DE BICHAS PRETAS E INTERSECCIONALIDADES

Diante do exposto na seção anterior, de que, para a sociedade cis heteronormativa branca, as vivências homossexuais negras são possíveis e necessárias, aqui realizamos um levantamento de pesquisas a respeito dessas identidades sociais de sexualidade interseccionada com raça e classe, sobretudo, de bixas pretas em relação a escola. Para isso, utilizamos da ferramenta virtual Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o intuito de catalogar e indicar teses e dissertações que tiveram como foco as seguintes palavras-chave: “bicha/s preta/s”; “bixa/s preta/s”.

Levando em consideração a importância de pesquisas que relacionem questões de sexualidade, raça, classe social e interseccionalidades, justifica-se esse recorte temporal de 2017 a 2020, pelo fato de que no ano de 2017 a professora Megg Rayara Gomes de Oliveira foi a primeira travesti negra no Brasil a obter o título de Doutora pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com o tema: “O Diabo em Forma de Gente: (R)Existências de Gays Afeminados, Viados e Bichas Pretas na Educação”, e também pelo fato de que foi o ano em que ingressei na graduação de Letras Português/Espanhol na Universidade de Ponta Grossa (UEPG). O ano de 2020 foi escolhido por ser o ano que comecei minhas reflexões ao que se refere a identidades de raça, gênero, sexualidade e classe social, bem como, por anteceder o ano que iniciei meus estudos no Programa de Pós-Graduação também na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Portanto, no quadro 1.1, apresento de maneira quantitativa, teses e dissertações que foram defendidas de 2017 a 2020 relacionadas a interseccionalidade de raça, sexualidade, gênero e classe social.

QUADRO 1.1: Pesquisas realizadas e defendidas entre 2017 e 2020, catalogadas pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando as seguintes palavras-chave: “bicha/s preta/s”; “bixa/s preta/s”.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)												
PALAVRAS-CHAVE	Dissertações						Teses					
	2	2	20	2	20	2	2	2	2	2	2	2
	0	0	19	0	21	0	0	0	0	0	0	0
	1	1		2		2	1	1	1	2	2	2
	7	8		0		2	7	8	9	0	1	2
Raça. Sexualidade. Bixas-pretas. Afetividade. Hipersexualização.	0			0	1	0	0	0	0		0	
Mídias Digitais. Linn Da Quebrada. Precariedade. Performatividade. Gênero. Sexualidade	0			0	1	0	0	0	0		0	
Processo de criação. Drag queen. Teatro de Revista. Corpo descolonizado. Violência	0			1	0	0	0	0	0		0	
(R)existência. Escola. Dispositivo. Racismo. Homofobia.	0			0	0	0	1	0	0		0	

Fonte: Busca do autor no <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

Através da busca na BDTD, realizada que entre os anos de 2017 e 2020, e tendo como palavras chaves “Bixa/s Preta/s” e “Bicha/s Preta/s”, observa-se que há poucas pesquisas de Dissertações e Teses relacionadas a essas palavras chave. No ano de 2017, foi encontrado uma única Tese de Doutorado, a qual apresenta as seguintes palavras chaves: “(R)existência. Escola. Dispositivo. Racismo. Homofobia”. Já no ano de 2018, apenas uma Dissertação de Mestrado foi encontrada, nessa as palavras chaves foram: “Processo de criação. Drag queen. Teatro de Revista. Corpo descolonizado. Violência”. No ano de 2019, foi encontrado duas Dissertações de Mestrado. Uma delas apresenta como palavras chave: “Mídias Digitais. Linn Da Quebrada. Precariedade. Performatividade.”; enquanto a outra

trouxe como palavras chave: “Raça. Sexualidade. Bixas-pretas. Afetividade. Hipersexualização”. Destaco aqui que apenas essa última, de fato, trouxe já nas palavras chaves, o termo designado para a procura.

Portanto, diante dos resultados apresentados através da busca na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, tendo em vista as palavras chaves designadas para a procura, percebemos que esses trabalhos ainda estão bastante escassos, visto que, apenas foi encontrado uma tese de doutorado e três dissertações, site durante esses quatro anos.

Oliveira declara “que existe uma farta produção teórica problematizando relações étnico-raciais, homossexualidade masculina e educação” (OLIVEIRA, 2017, p. 170), porém quando a busca é por trabalhos em nível de tese e dissertação pelo site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, estes não são encontrados. Assim sendo, notamos que o debate sobre negros homossexuais, gays afeminados, viados e bichas/bixas pretas, em teses e dissertações, é praticamente inexistente. Dessa forma, é importante enfatizar que, por mais que não tenham um número significativo de teses e dissertações relacionados aos termos pesquisado, existem muitos artigos que trabalham nessa perspectiva abarcando as questões das bixas pretas e educação no papel reflexivo de discente e docente.

Tendo em vista o foco das pesquisas encontradas, percebemos que, mesmo ambas estando debruçadas nos estudos da homossexualidade masculina negra, elas se diferenciam no viés em que são desenvolvidas, o que veremos no Quadro 1. 2.

QUADRO 1.2: Pesquisas recentes acerca de bichas/bixas pretas.

PESQUISAS ENCONTRADAS NO BDTD ENTRE 2017 – 2020	
Autor - Ano – Tipo	Fabio de Carvalho Cordeiro - 2019 – Dissertação
Título da Pesquisa	A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo.
Objetivos	Discutir a construção da afetividade de bixas-pretas na educação infantil, o preterimento afetivo e a hipersexualização do corpo negro a partir do grupo virtual do Facebook Afrodenço LGBTT+. Compreender como se configura a vivência das bixas-pretas a partir dessas categorias analíticas.

QUADRO 1.2: Pesquisas recentes acerca de bichas/bixas pretas.

(continuação)

Resultados	Como resultado, conclui-se que quando a bixa torna-se racialmente preta ela confrontará o racismo, e parte do afeto e carinho que ela poderia receber na infância no processo da educação infantil lhe é negado, no entanto mesmo diante desse processo doloso, ela ressignifica encontrando outras bixas-pretas no quilombo virtual para dividir dores, mas para renovar essas experiências através do amor. Além disso, é possível apostar na ideia de que não só a construção de uma identidade negra e sua valorização tem sido violentada por uma sociedade estruturalmente racista e lgbtfóbica, assim como a vida afetiva amorosa das bixas-pretas tem se configurado num processo de preterimento, hiperssexualização e objetificação, mas também é possível afirmar que existe um processo de (re)existência e ressignificação do afeto e do nosso amor interior.
Autor - Ano – Tipo	Leonardo Palma de Sant'anna da Silva - 2018 – Dissertação
Título da Pesquisa	Soraia Queimada, filha da violência o corpo descolonizado no teatro show de <i>drag queen</i>
Objetivos	Refletir acerca dos efeitos da colonização nos corpos-colonos e como herdamos um passado de violências que são revistas e atualizadas no cotidiano contemporâneo através do teatro show de <i>drag queen</i> , 'Soraia Queimada, filha da violência
Resultados	Esta pesquisa tratou de apresentar corpos <i>Drag queens</i> , marginalizadas pela sociedade, através da personagem Soraia Queimada. Por ser uma pesquisa de busca de emancipação e descolonização do próprio corpo do autor. Desse modo, não foi possível alcançar resultados definitivos para essa pesquisa, pois um processo que atravessa gerações precisa de um trabalho também de gerações para superar o estrago que foi feito, por isso estamos limitados ao campo da busca. Essa pesquisa é uma busca por visibilidade de corpos que se desviam do modelo do colonizador e que, por isso, são marginalizados. Por meio desta pesquisa, o autor buscou contar as histórias das periferias, ocupando os espaços com essas narrativas perseguidas e esquecidas. O autor conclui que corpo de Soraia Queimada ocupa espaços institucionais e carrega consigo todos os outros corpos que viveram cativos nas senzalas e nas periferias esquecidas desse país.

QUADRO 1.2: Pesquisas recentes acerca de bichas/bixas pretas.

(conclusão)

Autor - Ano – Tipo	Patrick Borges Ramires de Souza - 2018 - Dissertação
Título da Pesquisa	“Bixa, preta, trans e periférica”: Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais
Objetivos	Analisar a construção performativa da artista de São Paulo/SP, Linn Da Quebrada, a partir de sua inserção nas mídias digitais, entre 2016 e 2018.
Resultados	Conclui-se que apesar de tratar de temáticas bastante complexas, pois essas estão em constante processo dinâmico e contínuo, percebeu-se que a dissidência envolve uma postura estética e política na qual a busca em ressignificar as questões de gênero e sexualidade se fazem de maneira intencional, bem como, problematizar o desejo travesti para além de estigmas criados. Além disso, envolve uma postura afrontiva para adquirir seu espaço/centralidade na produção de experiências com as mídias digitais. Ademais, pela complexidade, não se pôde abordar, relações a comparação e a apresentação entre produções de outras artistas.

Autor - Ano – Tipo	Megg Rayara Gomes de Oliveira - 2017 – Tese
Título da Pesquisa	O diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação
Objetivos	Identificar os elementos que incidem de maneira positiva nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem a norma cis heteronormativa e como esses elementos são agenciados no interior da escola.
Resultados	Constatou-se que trabalhos que discutem relações étnico-raciais ignora a diversidade de gênero e de orientações sexuais, pois naturaliza que a população negra do país é composta apenas por pessoas cisgêneras heteronormativas. Por isso, se faz necessário epistemologias que desconstruam essas ideias de modo que apresentem as diversidades de gênero e sexuais. Ainda, como esta pesquisa caracterizou-se pelo revezamento entre diversas áreas do conhecimento, nenhuma categoria debatida foi tratada como algo estático, fixo, cristalizado, numa oposição declarada às visões essencialistas que generalizam existências desconsiderando os múltiplos processos que as envolvem.

Percebe-se, através das descrições do quadro 1.2 que as pesquisas encontradas tratam de maneiras distintas sobre raça e dissidências de gênero e sexualidade. A pesquisa intitulada “A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da

afetividade de uma vida à hiperssexualização de um corpo”, teve como objetivo discutir a construção da afetividade na educação infantil e o debate sobre afetividade e hiperssexualização no Afrodengo LGBTTT+ (grupo virtual do Facebook), para compreender como se configura a vivência das bixas-pretas a partir dessas categorias analíticas. Para isso, Fabio de Carvalho Cordeiro, autor dessa pesquisa, se ancora em hooks (1995; 2001; 2015); Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017; 2018), Alex Ratts (2001; 2007), Eliane Cavalleiro (1998), James Baldwin (1973), entre outros.

Instalando-se em dois campos teóricos, os Estudos de Raça e os Estudos de Gênero e Sexualidade que tem várias vertentes diferenciadas ou combinadas. A partir da vertente pós-estruturalista, a investigação se constrói como uma pesquisa bibliográfica e documental (LUNA, 1997). Como resultado, conclui-se que quando a bixa torna-se racialmente preta ela confrontará o racismo, e parte do afeto e carinho que ela poderia receber na infância no processo da educação infantil lhe é negado, no entanto mesmo diante desse processo doloso, ela ressignifica encontrando outras bixas-pretas no quilombo virtual para dividir dores, mas para renovar essas experiências através do amor. Além disso, é possível apostar na ideia de que não só a construção de uma identidade negra e sua valorização tem sido violentada por uma sociedade estruturalmente racista e lgbtfóbica, assim como a vida afetiva amorosa das bixas-pretas tem se configurado num processo de preterimento, hiperssexualização e objetificação, mas também é possível afirmar que existe um processo de (re)existência e ressignificação do afeto e do nosso amor interior.

Leonardo Palma de Sant’anna da Silva (2018), trouxe a luz das discussões a pesquisa intitulada “Soraia Queimada, filha da violência o corpo descolonizado no teatro show de *drag queen*”. O principal objetivo dessa pesquisa foi refletir acerca dos efeitos da colonização nos corpos-colonos e como herdamos um passado de violências que são revistas e atualizadas no cotidiano contemporâneo. O contexto dessa pesquisa, se dá através da construção de um teatro *show*, denominado dessa forma pois o trabalho desenvolvido nesta pesquisa consiste na transposição de expediente se características de um show de *drag queen* para o espaço e estrutura da cena teatral. As referências desse trabalho, além de vídeos e imagens, que auxiliaram o autor na elaboração dessa dissertação, está também apoiada em Carmo (2016); Fagner (2012); Harris (1996); Lima (2015). A pesquisa estruturou-se

a partir de expedientes presentes no Teatro de Revista, pelo qual o artista pesquisador investigou Soraia Queimada protagoniza um teatro show. O autor tratou de apresentar corpos *Drag queens*, marginalizadas pela sociedade, através da personagem Soraia Queimada. Por ser uma pesquisa de busca de emancipação e descolonização do próprio corpo do autor. Desse modo, não foi possível alcançar resultados definitivos para essa pesquisa, pois um processo que atravessa gerações precisa de um trabalho também de gerações para superar o estrago que foi feito, por isso estamos limitados ao campo da busca. Essa pesquisa é uma busca por visibilidade de corpos que se desviam do modelo do colonizador e que, por isso, são marginalizados. Por meio desta pesquisa, o autor buscou contar as histórias das periferias, ocupando os espaços com essas narrativas perseguidas e esquecidas. O corpo de Soraia Queimada ocupa espaços institucionais e carrega consigo todos os outros corpos que viveram cativos nas senzalas e nas periferias esquecidas desse país.

A pesquisa defendida no ano de 2018, “Bixa, preta, trans e periférica”: Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais”, de Patrick Borges Ramires de Souza, teve como objetivo principal analisar a construção performativa da artista de São Paulo/SP, Linn Da Quebrada, a partir de sua inserção nas mídias digitais, entre 2016 e 2018. Utilizou da etnografia digital (HINE, 2015; 2016) para buscar compreender os usos das plataformas digitais, em especial *Youtube*, *Facebook* e *Instagram* pela artista Linn Da Quebrada. Conceitos como precariedade e performatividade (BUTLER, 2015; 2016; 2017; 2018), são abordados na pesquisa, além de ancorar-se em Carvalho (2015; 2018), Colling (2018), Foucault (2017), Hall (1997; 2005), entre outros.

Conclui-se, através da pesquisa de Patrick Borges Ramires de Souza, que apesar de tratar de temáticas bastante complexas, pois essas estão em constante processo dinâmico e contínuo, percebeu-se que a dissidência envolve uma postura estética e política na qual a busca em ressignificar as questões de gênero e sexualidade se fazem de maneira intencional, bem como, problematizar o desejo travesti para além de estigmas criados. Além disso, envolve uma postura afrontiva para adquirir seu espaço/centralidade na produção de experiências com as mídias digitais. Ademais, pela complexidade, não se pôde abordar, relações a comparação e a apresentação entre produções de outras artistas

Por fim, intitulada “O diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação”, pesquisa de Megg Rayara Gomes de Oliveira, defendida em 2017, teve como intuito identificar os elementos que incidem de maneira positiva nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem a norma cis heteronormativa e como esses elementos são agenciados no interior da escola, Megg utiliza como referencial para (auto)biografias (CAETANO, 2016), ao pensar a inseparabilidade de racismo e homofobia, apoiou-se no conceito de Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), e teorizações de (FOUCAULT, 1975; 1979, 1999, 2005) para trazer explicações sobre dispositivos de poder, racialidade e sexualidade; além de revezar com outras áreas do conhecimento como relações étnico-raciais, gênero, sexualidade e estudos feministas. A metodologia se caracteriza por uma ampla pesquisa bibliográfica, além das narrativas (auto)biográficas dos professores, que foram utilizadas para geração dos dados para obtenção resultados.

Desta forma, a pesquisa de Megg Rayara Gomes de Oliveira, através das narrativas autobiográficas apresentadas pelos quatro professores, bem como, através do levantamento das bibliografias utilizadas, constatou que trabalhos que discutem relações étnico-raciais ignora a diversidade de gênero e de orientações sexuais, pois naturaliza que a população negra do país é composta apenas por pessoas cisgêneras heteronormativas. Por isso, se faz necessário epistemologias que desconstruam essas ideias de modo que apresentem as diversidades de gênero e sexuais, conseqüentemente, a autora nos informa uma lacuna nas pesquisas voltadas a essa temática, ao que se refere a identidade de professores interseccionados por raça e sexualidade, pois a pouca evidência de trabalhos sobre o tema supracitado é decorrência da pouca representatividade de homossexuais negros nas universidades.

Diante do exposto, percebe-se que as pesquisas abordam as temáticas de gênero, sexualidade, raça e classe social. O levantamento das pesquisas, do Quadro 1.2., dos autores de Cordeiro (2018), e Oliveira (2017), inseridas em contexto escolar, e dos autores Silva (2018) e Souza (2018), inseridas em contexto artístico, evidenciaram que bixas pretas são preteridas, minorizadas, excluídas e que o processo para identificação, enquanto atravessadas por essas intersecções, é complexo e doloroso em qualquer contexto social, porém através do contato com

outras bixas pretas esse caminho tende a se tornar menos árduo. Percebeu-se também que as narrativas autobiográficas são ferramentas fundamentais para a construção identitária, ressignificação e emancipação das bixas pretas diante da sociedade.

Ao que se refere ao contexto escolar, apenas duas pesquisas abordaram bixas pretas em relação a instituição escolar. A pesquisa de Cordeiro (2019), tratou de refletir sobre a construção identitária de discentes de educação infantil e também através de um grupo virtual do *Facebook*, enquanto a pesquisa de Oliveira (2017) levou em consideração as percepções de bixas pretas enquanto docente.

Dessa forma, a minha pesquisa, tenta cobrir algumas lacunas que não foram apresentadas nas pesquisas do Quadro 1.2. Ou seja, apesar de apresentar vivências de discentes bixas pretas em Cordeiro (2019), e docentes bixas pretas em Oliveira (2017), as pesquisas não apresentam vivências de bixas pretas em outro seguimento de ensino que não seja o público, por este motivo, a intenção dessa pesquisa é cobrir esta lacuna analisando tanto narrativas de bixas pretas oriundas de ensino público, quanto de ensino privado, tendo como objetivo identificar a percepção dessas bixas pretas quanto as abordagens de ensino em relação as temáticas de sexualidade, gênero, raça e classe social. Pois, considero essencial as abordagens de ensino, em relação a raça, gênero, sexualidade, classe social e dos diferentes marcadores sociais, dos diferentes seguimentos da educação básica podem interferir positivamente ou negativamente para construção identitária dessas pessoas participantes de pesquisa, tendo em vista que, assim como a escola pode apresentar-se como disciplinadora, silenciando e negando espaços, essa pode também ser espaço para conduzir a um posicionamento empoderado contra essas opressões.

2. METODOLOGIA

Nesse capítulo, apresento o método de pesquisa adotado, ancorei-me nos estudos da Linguística Aplicada, doravante LA, (PENNYCOOK, 1998; MOITA LOPES, 2009; DIAMANOVIC, 2005; PESSOA E FRETAS, 2021; OLIVEIRA, 2017). Também, trago a pesquisa qualitativa (BORTONI-RICARDO, 2008; MOREIRA E CALEFFE, 2008; FLICK, 2004) e pesquisa narrativa (FERREIRA, 2015, NELSON, 2015). Por conseguinte, descrevo os instrumentos de geração de dados composto por entrevista semi-estruturada (LAVILLE E DIONNE, 1999) e narrativas autobiográficas (FERREIRA, 2015; OLIVEIRA, 2017; SILVA, 2017). Na sequência, apresento de maneira sucinta como se dará geração de dados, seguido do diário de campo (LÜDKE E ANDRÉ, 1986). Na seção Perfil dos Participantes da pesquisa (HILÁRIO E DIAS PEREIRA, 2020; OLIVEIRA, 2017) exponho de que maneira essas pessoas participantes foram selecionadas (MOITA LOPES, 2010), bem como, apresento através do Quadro 2.1 o perfil das participantes de pesquisa. Sigo com um quadro que expõe a credibilidade da pesquisa, como se dará retorno da pesquisa aos participantes e finalizo os aspectos metodológicos com considerações sobre a ética na pesquisa (CORDEIRO, 2019; CELANI, 2005; FREITAS, 2018; MOITA LOPES, 2009).

2.1. PESQUISA EM LINGUISTICA APLICADA

A Linguística Aplicada, após compreender a linguagem como constitutiva da vida institucional, passa a ser formulada como uma área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro do âmbito educacional e também fora dele (MOITA LOPES, 2009). As questões que as Ciências Sociais levantavam sobre a modernidade e a teorização sobre como os sujeitos sociais eram homogeneizados e a dissociação das diferenças apagadas no interesse de prestigiar aqueles colocados em posição de hegemonia nas assimetrias sociodiscursivas, foram fundamentais ao fazer o vasto campo das Ciências Sociais e Humanas se reterorizarem em termos de visões pós-estruturalistas, feministas, antirracistas, pós-coloniais e *queer*. (MOITA LOPES, 2009)

Desse modo, com objetivo em identificar, investigar e buscar soluções para

problemas relacionados à linguagem na vida real, pesquisadoras, engajadas na Linguística Aplicada, doravante LA, operam nesse campo de estudo de modo transdisciplinar, indisciplinar e intercultural. Logo, esta pesquisa se debruça nos estudos da Linguística Aplicada pois, uma de suas premissas é a compreensão e a problematização da vida social, visando sempre o contexto social, as ideologias e discursos de poder, ou seja, através de uma perspectiva crítica e transformadora que considere questões sociais, culturais e políticas (PENNYCOOK, 1998). Assim sendo, é a partir dessa perspectiva que esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre as narrativas autobiográficas de bixas pretas da cidade de Ponta Grossa oriundas de Escolas Públicas e Privadas, visando compreender como a sexualidade interseccionada com raça e classe social, foram abordadas dentro do âmbito escolar.

A escolha dos temas dessa pesquisa é providencial, uma vez que, no tocante ao contexto brasileiro, esses temas atravessam uma parte considerável dos repertórios mobilizados e das medidas tomadas por diversas instituições para restringir a construção de sentidos críticos nos contextos educacionais e/ou sociais (PESSOA; FREITAS, 2021).

Segundo Rosane ROCHA PESSOA e Marco Túlio de Urzêda FREITAS (2021)

É nessas fissuras discursivas e nesse complexo mosaico de performances socioidentitárias *que precisamos nos apoiar* para continuar realizando nosso trabalho. Afinal, mais do que nunca, devemos investir na expansão de significados, o que requer um esforço constante de problematizar discursos que se coadunam com as barbáries sociais perpetradas por políticas autoritárias. (ROCHA PESSOA, FREITAS; 2021, p. 219, grifo meu)

Pois é a partir de pesquisas que se inserem nas esferas sociais, utilizando como participante de pesquisas pessoas que possam contribuir para problematizar e ressignificar discursos hegemônicos, que conseguiremos transcender as normativas eurocentradas epistemológicas. Segundo MOITA LOPES (2009) “é crucial pensar formas de fazer pesquisas que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar voz a quem não tem” (MOITA LOPES, 2009, p. 22), e dessa forma que utilizo nessa pesquisa os caminhos da LA para refletir sobre as

narrativas autobiográficas de bixas pretas, visto que, “assim como acontece com os estudos feministas e de gênero *que* ainda estão centrados nas mulheres brancas e cis heterossexuais, *nos* estudos sobre homossexualidades a atenção tem se dirigido predominantemente aos homossexuais do sexo masculino, também brancos” (OLIVEIRA, 2017, p. 87, grifo meu) por este motivo, tratar de assuntos ligados a sexualidade, gênero, raça e classe social, através da vivência narrada por bixas pretas se torna essencial para esta, e futuras pesquisas.

Portanto, é a partir disso que “o linguista aplicado pode auxiliar o ser humano a conscientizar-se sobre o modo como a linguagem contribui para o domínio de algumas pessoas sobre as outras” (DIAMANOVIC, 2005, p. 188), ou seja, percebe-se que a linguagem é considerada como condição para a construção do mundo social e, ao mesmo tempo, caminho para encontrar soluções para compreendê-lo (MOITA LOPES, 1994, p. 333), em outras palavras, através da análise e compreensão do poder e das ideologias que se estabelecem e provocam os discursos e atos de desigualdades, é possível construir um sujeito consciente em direção à emancipação.

2.2. PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa, ou interpretativista, tem como compromisso a interpretação das ações sociais e com o significado que as pessoas estabelecem a essas ações no contexto social. Bortoni-Ricardo (2008) ressalta que “o pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: o interpretam” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Além disso, “a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido as diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados” (FLICK, 2004, p. 25), ou melhor, leva-se em conta a subjetividade tanto da pessoa pesquisadora, quanto da pessoa participante da pesquisa.

Para Moreira e Caleffe, as pessoas que pesquisam no viés qualitativo, estudam particularidades e

[...] não podem se sentir inclinados para abordagens de ciência

natural para entender o mundo social uma vez que os seres humanos são animais que pensam, são conscientes, possuem sentimentos e usam linguagem e os símbolos”. (MOREIRA; CALEFE, 2008, p. 61).

Deste modo, Flick (2004) apresenta aspectos considerados essenciais para a pesquisa qualitativa: a) apropriabilidade de métodos e teorias – definir métodos disponíveis; b) perspectivas dos participantes – práticas de campo diferentes devido à perspectiva diversa que está relacionada com os ambientes sociais a ele relacionados; c) reflexividade do pesquisador e da pesquisa – subjetividades de pesquisadores e sujeitos pesquisados fazem parte do processo de pesquisa; d) variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa – não se baseia em conceitos teóricos e metodológicos unificados (FLICK, 2004, p. 20-22).

Dessa forma, esta pesquisa, além do seu viés qualitativo, também se caracteriza como pesquisa de análise narrativa pois, tem como intuito encorajar e estimular a pessoa participante da pesquisa a relatar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e nos diversos contextos sociais e educacionais.

2.3. PESQUISA NARRATIVA

A pesquisa narrativa se constitui como uma maneira de pensar sobre a vida - experienciada ou narrada. Por meio da pesquisa narrativa, uma pessoa interage com outra/s pessoa/s, coletando e interpretando suas diferentes vozes na tentativa de compreender as razões, intenções e objetivos ocultos por trás de discursos e ações, ou seja, a investigação narrativa é onde há autorreflexão individual, mas também coletiva, com intuito de partilhar as narrativas de vida com seus pares, viver e re-viver suas histórias, a fim de não só explaná-las, mas também, refletir através dessa atividade. Para Norton e Early (2015) as narrativas sempre tiveram força na epistemologia africana, pois eram utilizadas através de estórias, provérbios, relatos pessoais com o intuito de acrescentar crítico e filosoficamente à sabedoria e pensamentos dos povos africanos (NORTON; EARLY, 2015, p. 24). Desse modo, esse método é descrito como uma possibilidade importante e significativa de pesquisa pois consiste em coletar dados de histórias sobre determinado tema e/ou pessoa participante, onde o/a pesquisador/a reflexiona a vida através da

reformulação coletiva do passado, compreendendo melhor os outros e, por consequência, compreende-se a si próprio.

Nelson (2015, p. 237) nos informa algumas vantagens da importância que as narrativas autobiográficas trazem para a formação de professores, e coloco aqui também a importância desse instrumento para a vida social como um todo. A autora discorre que essas atividades narrativas democratizam o trabalho com conhecimento ao valorizar e disseminar vozes que são silenciadas e perspectivas que são historicamente sub-representadas; iluminam dimensões de ensino/aprendizagem que podem ser difíceis de pesquisar empiricamente, tais como os sentimentos e as formas de pensar que guiam as escolhas de ensino/aprendizagem; desenvolvem as capacidades criativa e imaginativa ao apresentar as complexidades que levam a múltiplas interpretações (NELSON, 2015, p. 237-238). Assim, as narrativas podem ser compreendidas como performativas, transculturais e como são desempenhadas e/ou construídas socialmente (NELSON, 2015, p. 242), pois são construídas através das experiências discursivas, políticas e sociais. Além disso, optei por esta ferramenta pois coaduno com Rios (2020) que as narrativas autobiográficas.

valorizam e exploram as dimensões pessoais dos sujeitos, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida e levam à percepção da complexidade das interpretações que os sujeitos pesquisados fazem de suas experiências e ações, sucessos e fracassos e dos problemas que enfrentam. (RIOS, 2020, p. 359)

Ou seja, permitem que as pessoas participantes da pesquisa e pesquisadores/as se tornem agentes ativos de suas reflexões, responsáveis por suas próprias representações, em um processo no qual pesquisadores/as e participantes são chamados a rever, refletir e organizar suas experiências educacionais, discursivas, políticas e sociais.

Portanto, tendo em vista que nessa pesquisa serão analisadas narrativas de bixas pretas da cidade de Ponta Grossa oriundas de dois seguimentos de ensino: público e privado, e nela buscamos compreender, através de narrativas autobiográficas, como atos e discursos influenciaram na construção identitária dessas pessoas envolvidas na pesquisa, destaco que “engajar-se criticamente e criativamente com narrativas como essas [...], pode melhorar o desenvolvimento do professor de línguas ao iluminar atos de identidade - *nesse caso, identidade sexual*

interseccionada com raça e classe, em relação à linguagem, ao letramento e à aprendizagem (NELSON, 2015, p. 236, grifo meu), criando possibilidades para um ensino de línguas transgressor, que valorize e dissemine pluralidades identitárias.

2.4. GERAÇÃO DE DADOS

A geração de dados dessa pesquisa será através de entrevista semiestruturada, através de perguntas (APÊNDICE 1) que farão com que as bixas pretas (participantes da pesquisa) oriundas de diferentes seguimentos de ensino na cidade de Ponta Grossa e, recentemente formadas no ensino regular, relatem suas experiências, construindo assim suas narrativas autobiográficas. Desse modo, para melhor fidedignidade nos relatos dessas bixas pretas, as entrevistas serão gravadas por áudio através do telefone celular.

2.4.1. Diário de Campo

Tendo em vista a importância do diário de campo pois este consiste em uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do/a pesquisador/a, essa ferramenta foi utilizada a fim de registrar, através da observação na entrevista, as impressões, irritações, sentimentos, fatos em geral, pois constituem parte da interpretação e são, portanto, documentadas nos diários de pesquisas (FLICK, 2009, p. 25), esses registros foram iniciados no momento em que se começou a essa escrita, estando em contínuo processo de geração, considerando também, as entrevistas e reflexões posteriores, com a intenção de mantê-los, ao máximo, fidedignos as ações observadas.

Dessa forma, é de grande importância que “ao iniciar cada registro, o observador indique o dia, hora, o local de observação, e o seu período de duração. Ao fazer as anotações é igualmente útil deixar uma margem para a codificação do material ou para observações gerais” (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 32). Portanto, na minha pesquisa as anotações contribuirão para descrições e interpretações das histórias relatadas e analisadas, através das entrevistas feitas com as pessoas pesquisadas.

2.4.2. Narrativas Autobiográficas e Entrevistas

Levando em consideração aos aspectos metodológicos supracitados para essa pesquisa, trago a partir desse tópico as narrativas autobiográficas e entrevistas, que serão dois instrumentos chaves para obtenção da resposta para pergunta proposta. Dessa maneira, a análise do contexto educacional através das narrativas bixas pretas é de grande importância, visto que, percebe-se que essas são marcadas diasporicamente em relação a sexualidade, gênero, raça e classe social e “abordar o tema a partir de narrativas autobiográficas faz uma grande diferença no entendimento da dimensão da necessidade da reflexão e possivelmente propor ações para as práticas pedagógicas que ocorrem em sala de aulas de línguas” (FERREIRA, 2015, p. 19), ou seja, a importância de se trabalhar temáticas sócio-identitárias a partir de narrativas autobiográficas oferece benefícios tanto para o discente quanto para o docente que se dispõe a trabalhar com essa ferramenta.

Tendo em vista que essas narrativas, se entrecruzam e se completam, sem perder de vista o todo que o cerca, pois fomenta reflexões acerca da temática de formação identitária, visto que propõe um exercício crítico as próprias experiências a fim de compreendê-las e superá-las, tomamos esse método como primordial para dar voz e vez a essas pessoas atravessadas por diferente sistemas de opressão pois, os sistemas normatizadores legitimam os discursos da “norma” cisheteropatriarcal e advogam a quem tem o direito de falar, se posicionar e representar.

Dessa maneira, as narrativas autobiográficas proporcionam o diálogo entre várias dimensões, possibilitando “também entender as resistências acessadas pelos sujeitos da pesquisa que questionam, individualmente ou em grupo, esses governamentos (OLIVEIRA, 2017, p. 36-37). Megg Rayara Gomes de OLIVEIRA (2017, p. 37) ainda declara que “é provável que em muitos momentos as auto(biografias) revelem situações de negação, de controle, de interdições, mas é possível que revelem estratégias que questionem a eficiência dos múltiplos dispositivos que estão a serviço da norma e da normatização” (OLIVEIRA, 2017, p. 37), pois a partir desse método é possível que sejam reveladas trajetórias de violências físicas e simbólicas naturalizadas por discursos que invalidam, desumanizam e ferem corpos dissidentes.

Desse modo, a construção do conhecimento nesse método de pesquisa, por meio do contato com as histórias de vida geradas e a resignificação de vivências em decorrência da aproximação, posiciona o/a pesquisador/a que não apenas ouve as narrativas, mas que também atribui sentido a estas conjuntamente às pessoas participantes da pesquisa (SILVA, 2017, p. 15). Sob essa lógica “adotar a trajetória de vida aliada à perspectiva cultural, pós-estruturalista, com os estudos feministas, de relações étnico-raciais e de gênero, bem como com o conceito de interseccionalidade” (OLIVEIRA, 2017, p. 36) possibilita uma melhor compreensão sobre o papel das narrativas autobiográficas como, também, instrumentos denunciativos as regras que as governam e as produzem/produziram.

Além disso, “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (DUARTE, 2004, p. 215). Dessa forma utilizo da entrevista semiestruturada, visto que essa, busca alcançar uma profundidade maior nos dados coletados, bem como nos resultados obtidos, com base na análise dos dados obtidos na realização de entrevista, busca por via do confronto dessas respostas uma melhor compreensão do denominado estudo científico.

Segundo Laville e Dionne (1999)

A entrevista semi-estruturada oferece maior amplitude na coleta dos dados, bem como uma maior organização: esta não estando mais irremediavelmente presa a um documento entregue a cada um dos interrogados. Por essa via, a flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores. (LAVILLE, DIONNE; 1999, P. 188-189)

Portanto, ao adotar o método narrativo autobiográfico através de entrevistas dissidentes de gênero, sexualidade e raça, cria a possibilidade de refletir sobre questões ligadas a esses inúmeros sistemas arbitrário e a partir de relatos retrospectivos da experiência pessoal dessas participantes de pesquisa, neste caso oralmente, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida, é possível auxiliar sobre atos e discursos sofridos bem como, (re)pensar a prática docente do ensino de línguas, auxiliar na (des)construção

de discursos que silenciam, excluem, marginalizam esses corpos dissidentes e propor ações para as práticas pedagógicas emancipadoras e transgressoras.

2.4.3. Participantes da Pesquisa

Através de minhas inquietações sobre meu lugar enquanto bixa, preta, de escola pública e de classe social baixa e considerando a necessidade de tratar de questões ligadas a sexualidade interseccionada com raça e classe social, é que propus esta pesquisa para tratar sobre pessoas que também apresentam essas intersecções identitárias. Hilário e Dias Pereira (2020) informam que “é primordial que a academia, as políticas públicas e as escolas compreendam as multiplicidades existentes, as várias formas de amar e ser, e o seu papel para o rompimento com o racismo, a efeminofobia, e heterossexualidade compulsória/heteronormatividade no ambiente escolar (HILÁRIO, DIAS PEREIRA; 2020, p. 9) a fim de pensar vivências, ações e empoderamentos, de sexualidade, raça, gênero, entre outros marcadores sociais, além de criar epistemologias além dos saberes hegemônicos.

Diante disso, as pessoas selecionadas para participarem, foram aquelas que possuem as características sob observação e que possivelmente possam fornecer informações sobre os fenômenos pesquisados. Ao que se refere a seleção das pessoas participantes da pesquisa, Verena Alberti (1990) discorre sobre a importância em “selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram [...] ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 1990, p. 31-32), ou seja, considero fundamental que as pessoas participantes da pesquisa se reconheçam publicamente como bixas pretas e tenham passado pelo ensino básico em alguma escola pública ou privada da cidade de Ponta Grossa.

De acordo com Oliveira “as experiências individuais, do gay afeminado, do viado ou da bicha preta, preservadas na memória podem ser o resultado de reflexões atualizadas por vivências de hoje, mas também podem disparar mecanismos de controle dos atos do presente” (OLIVEIRA, 2017, p. 37), e é por este motivo o meu interesse em analisar as narrativas dessas bixas pretas da cidade de Ponta Grossa visto que, as vivências dessas participantes de pesquisa podem se assemelhar e se distanciar das experiências de outras bixas pretas.

Portanto, as selecionei através de conhecimento prévio, por relação interpessoal, bem como, através de sondagens em redes sociais (*facebook* e *Instagram*) pois, segundo Moita Lopes (2010) o fato das redes virtuais “serem lugares em que essas as relações sociais são potencializadas infinitamente nos convida a co-participar da vida de pessoas que não conhecemos, que desarticulam nossas concepções de mundo e ideologias, e que multiplicam os discursos a que temos acesso de forma ilimitada” (MOITA LOPES, 2010, p. 395). E foi a partir desse acesso as informações ilimitadas que as redes sociais nos proporcionam, que verifiquei e selecionei quatro (4) participantes para minha pesquisa. É importante ressaltar que, para garantir uma pesquisa fidedigna e sem possíveis manipulações por parte do pesquisador/a, o vínculo direto com tais participantes somente foi feito após o envio e, conseqüentemente, a aprovação por parte do Comitê de Ética em Pesquisa.

Ressalto também que, os nomes das instituições, públicas ou privadas, pelas quais passaram as participantes de pesquisa, não serão revelados a fim de reforçar a segurança dos dados fornecidos para a pesquisa pelo anonimato acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Além disso, os nomes expostos a seguir, no quadro 2.1, são escolhas das próprias pessoas participantes que foram informadas sobre a possibilidade de utilizar qualquer codinome de sua preferência. Desse modo, apresento através do Quadro 2.1, as pessoas participantes dessa pesquisa, bem como suas identificações de raça, sexualidade, classe e ensino ao qual foram inseridas.

QUADRO 2.1 - Apresentação das pessoas participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Raça	Sexualidade	Classe Social	Seguimento de Ensino
Ronaldo	20	Negro	Gay	Média	1º ao 6º - Ensino Privado 7º ao 3º ano - Ensino Público
Erika	22	Preta	Mulher trans	Média	Ensino Privado

QUADRO 2.1 - Apresentação das pessoas participantes da pesquisa.

(conclusão)					
Lu Arthur	22	Preta; Negra	Trans binário	Média	Fundamental - Ensino Público 1º ao 3º - Ensino Privado
Matheus	23	Negro	Gay	Baixa	Ensino Público

Fonte: o autor

2.5 RETORNO DA PESQUISA

Os resultados dessa pesquisa têm por objetivo, auxiliar as pessoas participantes da pesquisa a refletir e ressignificar atos e discursos a partir de suas experiências, através das narrativas pessoais.

Assim sendo, após a finalização da pesquisa irei apresentar aos participantes o trabalho final, bem como, informá-los como poderão ter acesso ao texto. Além disso, deixarei uma cópia da pesquisa para cada participante, para que eles possam ter acesso ao material na íntegra.

2.6 ÉTICA EM PESQUISA

Levando em consideração que esta pesquisa apresenta como participantes, pessoas que se assemelham as minhas identidades sociais de gênero, sexualidade, raça e classe social, questionamentos sobre a veracidade desse estudo podem ser levantados. A indagação de que “para dedicar-se ao estudo científico de questões que tocam as experiências e as subjetividades humanas, o/a pesquisador/a precisa ser o mais imparcial possível, o que significa estar distante/ausente da realidade pesquisada” (FREITAS, 2018, p. 51-52), podem ser frequentes em diversos contexto, sobretudo, na academia. Diante disso, Marco Tulio de Urzêda FREITAS (2018), enfatiza que essa percepção é problemática, visto que

“(i) presume que o conhecimento é algo separado de quem conhece,

ou seja, que a pesquisa é uma prática desvinculada das vivências dx pesquisadorx; (ii) assume que corpos marcados por identidades hegemônicas (homens, pessoas brancas, pessoas heterossexuais etc.) são mais propensos à imparcialidade em suas análises científicas, o que parece relacionar-se com a também problemática ideia de que corpos hegemônicos não são tocados e não participam das estruturas de poder que envolvem o território da ciência; (iii) julga que a pesquisa é uma prática neutra e ausente da realidade social mais ampla, o que significa presumir que, ao debruçar-se sobre um determinado “objeto de estudo”, x pesquisadorx despe-se de seu próprio corpo, fechando-se em um território associal, a-cultural e a-histórico, livre de quaisquer discursos que circulam “fora” de seus domínios” (FREITAS, 2018, 52).

Ou seja, essas percepções originadas de um conceito científico eurocêntrico e, portanto, representa uma visão colonial de produção de conhecimento, tendem a deslegitimar o trabalho do pesquisador/a que está envolvido além dos pressupostos teóricos. Portanto, ao que se refere aos aspectos éticos para pesquisa científica, este trabalho tem por objetivo “a confiança, a responsabilidade, a veracidade, a qualidade, a honestidade e a respeitabilidade e não a busca da riqueza ou do poder” (CELANI, 2005, p. 106). Pois, é importante que a ética conduza as ações de pesquisa de modo que a investigação não traga danos e prejuízos às pessoas envolvidas na pesquisa a todo custo, protegendo interesses, direitos e vulnerabilidades e deslegitimação dos resultados obtidos.

Neste sentido, ao refletir que, as pessoas participantes da pesquisa não devem ser vistas como meros objetos a serem estudadas, ou expostas de maneira indevida a fim de obter algum resultado, e que “a pesquisa interpretativa considera o fato de que a vida humana é cercada por interpretações múltiplas, estando imersa na complexidade cultural, e também o fato de que a pesquisa não é a transmissão de dados especializados, mas, na forma e no conteúdo, um catalisador para a consciência crítica” (FREITAS, 2018, p. 60) considero a discussão ética necessária para este estudo, por estar sendo realizada por pessoas interseccionadas por identidades de gênero, sexual, raça e classe social. Diante das peculiaridades deste trabalho, é imprescindível manter a identidade das participantes da pesquisa totalmente preservada, e mesmo diante às medidas adotadas, é de extrema importância estar ciente da ética e dos riscos que perpassam esta pesquisa (CORDEIRO, 2019, p. 52). Segundo Moita Lopes (2009)

tal visão envolve produzir conhecimento de forma inovadora e responsiva à vida social, entendendo que o discurso da pesquisa é também um discurso sobre a vida social e que, como tal, tem a obrigação ética de se preocupar em construir significados que apresentem alternativas para o sofrimento humano. Entender a natureza performativa dos gêneros e das sexualidades pode significar a possibilidade de reconstrução do que os homens e mulheres, *gays, lésbicas, travestis, transsexuais e todas as letras contempladas pelo arco-íris LGBTQIA+*, são e podem ser. (MOITA LOPES, 2009, p. 47, 48, grifo meu)

Desse modo, esse estudo interpretativo, por se tratar de um espaço de depoimentos e compartilhamentos de subjetividades sobre as vivências, afetos e sexualidades que, relativo a estes marcadores na vida das participantes da pesquisa - bixas pretas - desta pesquisa, é imprescindível tratar dessas questões, levando em consideração que elas caras e delicadas, e por isso, e “me propus a manter a identidade das participantes do grupo totalmente preservada, e mesmo diante às medidas adotadas, penso ser importante estar ciente da ética e dos riscos que perpassam esta pesquisa. (CORDEIRO, 2019, p. 52). Por esse motivo, após o envio e, conseqüentemente, a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), foi feito um primeiro contato com as pessoas selecionadas, explicando o meu objetivo de pesquisa, enfatizando sobre a discrição quanto as entrevistas, gravação através de áudio, cuidado com o local da entrevista, resultados e convidando-as a fazer parte desse estudo. Portanto, é a partir do próximo capítulo que inicio a análise e geração de dados que foram realizadas através das narrativas coletadas.

3. ANÁLISE E GERAÇÃO DE DADOS

BASEADO EM CARNE VIVA E FATOS REAIS

Bixas, pretas, oriundas de diferentes seguimentos de ensino, nesse caso, público e privado, e de classes sociais distintas. Coaduno com o pensamento de Real (2022) que, “é perceptível que as identidades sociais das participantes se encontram, embora em vários pontos das vivências individuais se distanciem e demonstrem perspectivas diferentes” (REAL, 2022, p. 56) pois, cada uma dessas bixas pretas estiveram inseridas em diferentes contextos sociais, familiares e educacionais, visto que, é através dessas relações com o mundo e com outros que construímos nossas identidades.

Deste modo, nesse capítulo será apresentado a as narrativas autobiográficas das bixas pretas que foram coletadas através das entrevistas a fim de compreender e responder minha pergunta de pesquisa “Quais são as experiências das bixas pretas que estudaram em escolas públicas e privadas em relação às identidades sociais de sexualidade interseccionadas com raça e classe social?”

Portanto, para refletir, bem como, responder sobre minha pergunta de pesquisa, na seção 3.1 “Família frente a descoberta da bixa preta”, apresento, a percepção das bixas pretas em relação ao âmbito familiar e como foi a aceitação de si mesma e dentro desse meio, além disso, reflito como o seio familiar reage frente a descoberta da sexualidade da bixa preta. Na seção 3.2 “Entre violências e resistências: o caminho escolar da bixa preta”, exponho a percepção dessas bixas pretas em relação ao seguimento de ensino pelo qual passaram no ensino fundamental e médio. Já na seção 3.3 “Mercado de trabalho: um espaço (im)possível para a bixa preta” demonstro a relação de dificuldades ou não, que essas pessoas entrevistadas tiveram diante do mercado de trabalho na cidade de Ponta Grossa. Por fim, na seção 3.4 “Me quiseram só, me fiz sol: da depressão ao autoamor”, evidencio as relações amorosas vivenciadas pelas bixas pretas entrevistadas e como essas relações influenciaram, também, para a sua construção identitária

É importante pontuar que em todas as seções estarei levando em consideração as intersecções de sexualidade, gênero, raça e classe social a fim de responder o que propus na minha pergunta de pesquisa. Dainte disso, os aportes

teóricos, mencionados no referencial teórico, serão utilizados no decorrer das análises para servir como suporte para ponderações que serão feitas.

3.1. A FAMÍLIA FRENTE A DESCOBERTA DA BIXA PRETA

A homossexualidade nem sempre é recebida com bons olhos dentro do seio familiar, visto que, esses pais, mães e outros membros projetam em seus filhos um destino social, comumente, relacionado a construção de família nos modelos tradicionalistas (OLIVEIRA, 2017; VEIGA 2018). Ao se tratar de homossexualidade negra, a aceitação tende a ser ainda mais repulsiva, pois para homens negros foi destinado o estereótipo de virilidade, força, masculinidade excessiva e hiperssexualização (LIMA, CERQUEIRA, 2007). Essa descoberta da sexualidade, gera, muitas vezes, frustrações, rompimento, ameaças, intolerância, agressões e diversos questionamentos para saber qual seria o “problema” ou qual “erro” cometido; e, conseqüentemente, a busca por respostas e cura. Diante tudo isso, a família que poderia proporcionar a esses jovens uma sensação de paz, acolhimento, que convencionalmente essa instituição seria capaz de gerar, torna-se um grande problema para a bixa preta que decide sair do armário pois, para além da não aceitação da homossexualidade, há ainda a estereotipização da masculinidade negra que aumenta ainda mais a não aceitação dessa bixa preta.

Segundo Veiga (2018)

Ao afirmar a sexualidade, muitas bixas pretas precisam lidar com a não aceitação da família ou de parte dela. Certamente, contar para a família sobre sua sexualidade é uma das decisões mais delicadas e um dos momentos mais difíceis pelos quais a bixa preta passa para poder viver aquilo que se é. Colocar em risco o aconchego do lar, o colo de mãe e o afeto dos irmãos tem um efeito, por vezes, aterrorizante, na medida em que a família ocupa lugar especial de pertencimento e de segurança para a bixa preta. (VEIGA, 2018, p. 82)

É frente a esse paradoxo, entre correr riscos ao afirmar nossa sexualidade, ou seja, entre a aceitação e a rejeição, experienciado por nós bixas pretas que, muitas vezes, perambulamos por identidades diversas, na busca entre nos aceitarmos como realmente somos para agradar a nós mesmas, existir aos moldes tradicionalistas para agradar aos outros ou até mesmo buscarmos por mudanças

diante dos discursos padronizantes. Diante disso, nessa seção apresento as narrativas de experiência das bixas pretas em relação ao âmbito familiar, levando em consideração que para algumas o acolhimento familiar foi mais instantâneo do que para outras. Destaco que, a entrevistada Lu Arthur não expôs em sua narrativa como foi a afirmação de sua sexualidade diante de sua família.

NARRATIVA 1: MATHEUS

Eu me percebi enquanto homossexual, acho que em torno dos meus 10 anos em diante. No começo eu achava bem errado sentir atração (por meninos), por conta da minha família não aceitar e não se aceitar direito. Até eu me aceitar foi um longo processo. (Matheus, gay, negro, 23 anos, entrevistado em 14 de junho de 2022)

Diante da narrativa de Matheus, percebo que a não aceitação da família e a imposição de que ser bixa é algo errado e que precisa de “conserto”, constrói também na cabeça do indivíduo que está desabrochando sua sexualidade homossexual, a ideia de que isso realmente é errado. Oliveira (2017) nos informa que “a infância de um menino preto afeminado, viado ou bicha é marcada por controles, por discursos e práticas que colocam a cis heterossexualidade como um projeto de futuro” (OLIVEIRA, 2017 p. 132), ou seja, estar em desacordo com o que é posto como norma – cis heterossexualidade – é algo que, no imaginário de muitas famílias, deve ser, através de discursos e atitudes drásticas, combatido. Compartilho da experiência de Matheus, quanto a não aceitação inicial e a constante luta por mudança, pois fui criado dentro de uma doutrina religiosa fundamentalista que pregava o ódio a homossexualidade e a buscavam por providências para um “tratamento” para que eu me tornasse uma criança/adolescente “normal”.

NARRATIVA 2: RONALDO

A aceitação da minha família foi um processo totalmente complicado, porque de início eu achei que meu pai lidaria muito difícil com a situação, porque meu pai tinha muitas falas homofóbicas, mas a minha mãe e minha avó assim, a minha vó mora atrás da minha casa, então ela tá inserida ali na nossa família, sabe? Mas ela mora com vô atrás, sabe? Mas a gente tem uma ligação muito forte, eu e minha vó, muito forte. E aí eu achei que, “poxa”, nossa se eu falasse qualquer coisa pra minha mãe e pra minha vó, isso seria “não, tudo bem, tranquilo”. Minha

vó e minha mãe são cabeleireiras, então a minha vó passou por um processo de formação em que ela foi formada por um cabeleireiro que era gay, mas que também interferiu muito nessa limitou muito de tipo, “aí, é gay? Lindo! Se for filho do outro, se for meu, não!” sabe? E foi bem difícil no começo ... (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022)

A experiência que Ronaldo revela em sua narrativa é que sua relação de proximidade com a mãe e a avó sempre foi harmoniosa e, que a profissão de sua mãe e sua avó, que são cabelereiras, e sua avó ser formada por um profissional gay, o fez pensar que isso seria um motivo plausível para que elas o acolhessem, porém, a aceitação, foi um processo lento da parte delas.

Ao contrário do que relata Matheus, Ronaldo não relata dúvidas sobre sua sexualidade, o seu maior obstáculo, foi a aceitação de sua família, pois ele mesmo diz que ouviu seu pai, muitas vezes proferir discursos homofóbicos.

O fato de sua mãe e avó estarem inseridas em ambiente com profissionais bixas, não levou a família de Ronaldo à aceita-lo de imediato e ao descrever o pensamento “aí, é gay? Lindo, se for filho do outro, se for meu, não!” (RONALDO) pondera-se que “a família, mais que a escola e a igreja, fornece os primeiros materiais e as ferramentas para a construção do armário e atua para preservá-lo” (OLIVEIRA, 2017, p. 145) e, muitas das vezes, o não aceitar o seu, mas estar de acordo com o dos outros, não se dá pelo cuidado em proteger a bixa preta, mas sim para mantê-la dentro desse armário a fim de conservar os preceitos de família tradicionalista.

Porém, Ronaldo relata que mesmo sua família não o aceitando de imediato e não dialogando, inicialmente sobre sua afirmação, hoje, ele evidencia com muito entusiasmo o apoio de sua mãe, sobre sua escolha e a arte que decidirá seguir.

NARRATIVA 3: RONALDO

hoje em dia eu tenho uma relação muito boa com meus pais, de tipo, a minha mãe me deu ... faço drag, né? E semana passada, por exemplo, minha mãe me deu três calcinhas, isso é um ato que eu nunca, nunca, jamais pensaria que a minha mãe fizesse, nunca. Isso é muito importante pra mim, porque eu to recebendo o apoio realmente que eu não tive no começo. (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022)

Ao contrário do que Ronaldo e Matheus vivenciaram, enquanto a aceitação de si próprio, sobre a sexualidade, e também em relação a família, para Erika esse acolhimento foi muito mais imediato. Percebo na narrativa de Erika que desde pequena sua mãe a acolheu e apoiou suas decisões, para deixá-la livre em fazer suas escolhas.

NARRATIVA 4: ERIKA

Desde muito sempre, desde muito pequena, porque por eu estudar em escola particular minha vida inteira desde pequena, eu sempre fui a única bixa e a única preta da minha sala. Eu nunca cheguei a falar assim, “mãe eu sou preta, meus coleguinhas são brancos” nunca, nunca, e minha mãe sempre deixou claro você é negra, você é preta e você tem que ter orgulho da sua cor, não é porque você não tem coleguinha, igual eu e você na sua sala que você vai se sentir menos. Então tipo, desde que eu me entendo por gente, eu sei que sou preta, que sou negra e tenho que bater no peito.

NARRATIVA 5: ERIKA

Desde de pequena eu já me percebi enquanto uma bixa, eu nunca gostei de usar roupa de bofe. Eu usava as roupas da minha mãe, usava salto da minha mãe, das minhas primas. Desde de criança mesmo, eu percebia que eu não gostava de ficar junto com piá, não gostava de coisas que piá fazia. Uma coisa que ... não sei se pode falar nome de instituição..., mas eu estudava numa instituição que era colégio de freiras e era obrigado a gente fazer dois esportes. Geralmente os meninos, eles lutavam e participavam da banda e as meninas eram baliza e faziam ballet, o que que eu fiz? Eu queria fazer natação e ser do corpo de baliza do colégio. Pedi e não deixaram, minha mãe foi na escola, ela arrasou com a cara das freiras lá, e falaram e tudo mais. Eu comecei a fazer ballet ali nos meus cinco ou seis anos, desde muito pequena que eu já gostava, sabe? Ai dali pra frente só foi indo ... (Erika, trans, preta, 22 anos, entrevistada em 10 de junho de 2022)

Nos dois depoimentos relatados por Erika, é perceptível que as atitudes da mãe em sempre mostrar a Erika sobre seu pertencimento racial e se impor frente a decisões escolares, em relação as atividades relacionadas a meninos e meninas, me fez perceber que, ao contrário das outras entrevistadas, Erika pôde através do acolhimento da mãe, construir sua identidade de bixa preta desde muito pequena e diante disso, não obteve dúvidas sobre o que era, uma criança bixa.

Diante disso, compreendo que a falta de diálogo e entendimento do que é ser uma bixa preta, pode ser um dos motivos pelos quais as famílias das entrevistadas demoraram para acolhê-las e entender suas identidades, ao invés de acolher ou minimamente entender e se dispor ao diálogo, “as famílias apenas reproduziam cotidianamente práticas homofóbicas como forma de reprimir e tentar corrigir algo que julgavam incorreto” (CORDEIRO, 2019, p. 17), e muitas vezes essas práticas são ancoradas em discursos religiosos, pois o fato de a homossexualidade estar, no pensamento de muitas famílias, vinculada ao diabo (OLIVEIRA, 2017), não permite, por motivos religiosos, que muitas famílias aceitem a sexualidade bixa, tendo como fim, para essas, que “fogem dos padrões” fazer parte da lista dos pecadores graves. Ademais, além de serem atravessadas por discursos de “cura” dentro da própria família, ao buscarem por abrigo dentro de templos religiosos, na maioria das vezes, em igrejas protestantes, “a experiência de refúgio e acolhimento [...] é interrompida devido à impossibilidade de a maioria desses espaços acolherem a homossexualidade como um dom de Deus” (VEIGA, 2018, p. 81), ou seja, religiões fundamentalistas, calcadas no racismo estrutural e na homofobia, pregam ódio ao corpo que, muitas vezes, ainda não aprendemos a amar.

Diante disso, percebo que os relatos de experiências das bixas pretas em relação a sua sexualidade frente a família, são bastante individuais, enquanto “muitas optam por não partilhar de si com a família; algumas partilham e acabam sendo rejeitadas outras, felizmente, falam de si e são acolhidas pelos familiares” (VEIGA, 2018, p. 82), e isso revela que através das narrativas, apenas Erika informou que sua aceitação perante a família foi adquirida de maneira imediata, enquanto Ronaldo ao revelar sua sexualidade não obteve o retorno esperado, e Matheus passou por um longo processo de aceitação de si mesmo por pensar, através dos discursos familiares, que suas identidades eram erradas e passíveis de mudança.

É perante estas narrativas que compreendo que, ao interseccionar raça, sexualidade, gênero e classe social para pensar a dimensão dessa construção do afeto familiar, percebo que a condição social familiar frente a afirmação da sexualidade da bixa preta, muitas vezes influencia para o entendimento, preliminar, do que é ser uma bixa preta na e para a sociedade.

Família, escola e igreja se associam num projeto educacional que transforma a criança em um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. Nesse projeto, não existe espaço para a bicha. (OLIVEIRA, 2017, p. 140)

Sendo assim, as famílias além de projetarem para seus filhos futuros sociais destinados aos moldes tradicionalistas, refletem em suas decisões, o racismo estrutural pois este influencia, também, no imaginário familiar a estereotipização da masculinidade negra.

Além disso, essas experiências revelam que, apesar de Erika estudar em um colégio particular e Ronaldo ter experiência, também, no seguimento privado, ambas tiveram vivências distintas em relação ao acolhimento da família. Nos relatos, Erika informa que o colégio que estudava, colégio este de doutrina religiosa, exigia que meninos e meninas escolhessem suas atividades baseadas em uma estrutura tradicionalista e heterossexista, apesar disso sua mãe se impôs para que a decisão da filha fosse válida. Ronaldo vivenciou uma experiência distinta ao informar sobre sua sexualidade a família, os mesmos se calaram e não o apoiaram de início, como ele esperava. Já Matheus viveu boa parte da infância e adolescência com a ideia de que estava cometendo algo errado e, por consequência sofrendo com esses pensamentos que eram o tempo todo afirmados pelos membros da família e pela sociedade.

3.2. ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: O CAMINHO ESCOLAR DA BIXA PRETA

As instituições escolares são ambientes onde encontram-se diversidades de raças, classes sociais, sexualidades, religiões, entre outras pluralidades e, apesar disso, é no chão da escola que se faz presente diversas formas de opressão. O contato com as diversidades não faz com que escolas saibam lidar com tamanha complexidade de indivíduos. “A escola é um espaço marcado por imposições” (OLIVEIRA, 2017, p. 122), e apesar de ser um espaço voltado ao ensino, é nesse espaço também que se encontram as hierarquizações e vigias. Diante disso, o caminho da bixa preta, após alçar seu voo fora do ambiente familiar, é no espaço escolar que ela encontra percalços por estar exposta, muitas das vezes,

propositadamente, a invisibilização e o desrespeito por parte de colegas e equipe escolar. Portanto, nessa seção, apresento depoimentos das bixas pretas sobre quais foram as experiências no contexto escolar, através da identificação gênero/sexual, racial e de classe.

NARRATIVA 1: RONALDO

Então, no ensino privado é ... existia óbvio uma diferença de que muitas das vezes eu era o único aluno negro dentro da sala de aula, as vezes o único aluno negro no meu turno, entende? Ainda mais por ser o “Colégio Central” ali era um colégio de ... de pessoas que moram em volta do bairro ali, porque existe o “Colégio não-central” então lá é a concentração de tudo. Ali era um grupo mais fechado e que eu comecei a ... muito criança, óbvio, mas não com esse entendimento de “poxa, pela minha cor que está acontecendo isso” ou “poxa, é porque eu sou diferente” (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022)

Nessa primeira narrativa de Ronaldo percebo que, apesar de não mencionar que não entendia o porquê de ser o único aluno negro dentro de uma escola de seguimento particular, e apontar uma divisão entre escolas centrais com escolas periféricas, são pelo fato de nossa sociedade estar alicerçada no racismo estrutural. Segundo Oliveira (2017) “os sentidos presentes nos corpos ditam os espaços. A segregação adquire ares naturais” (OLIVEIRA, 2017, p. 125). Esse racismo estrutural demarca lugares para negros, enquanto a branquitude se encarrega de ditar o lugar dos brancos, criando sentidos aos indivíduos, e é nesse sentido que o não entendimento de Ronaldo, o único aluno preto naquele espaço, se encontra. Escolas de seguimento particular são lugares, majoritariamente, de pessoas brancas e classe social privilegiada e por esse motivo, no imaginário social, esses espaços não são destinados a pessoas de pele escura, e quando muito, são vítimas de racismo através de olhares e comentários em tons de “brincadeira”; é o que informa Ronaldo no fragmento seguinte.

NARRATIVA 2: RONALDO

No ensino privado já teve sim casos de mãe de amiga minha, tipo se achar engraçadona e falar “aí porque eu já falei pra tal menina que eu não gosto de preto” e eu fiquei tipo “sim, mas e

aí?” Só que eu tava dentro da casa dela e tudo mais, foi uma brincadeira que ela fez comigo, mas, uma brincadeira totalmente desnecessária assim sabe? Mas sempre notei uma diferença de olhar quanto aos pais dos meus amigos assim, amiguinhos de escola. Sempre, nossa ... e sempre achavam que é ... eu estava lá por nossa, caridade sabe? Que o colégio tinha me colocado “não é um pretinho pobre, vamo colocar aqui pra dentro” sabe? Tenta dá uma oportunidade muito melhor pra ele, não, minha mãe pagava, é ... todo meu material minha mãe pagava, tudo era pago, entende? Do mesmo jeito que eles pagavam, eu também pagava, não existia essa diferença, na cabeça desses pais sim, mas nunca houve né? Enfim, esse foi meio o contato que eu tive no ensino privado, isso foi mais quanto a minha raça né? (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022)

Nesse sentido, coaduno com Cordeiro (2019) ao afirmar que “existe em nossa sociedade um mascaramento do racismo, pois ao mesmo tempo em que assumimos a existência do racismo, poucos são os sujeitos que se assumem racistas” (CORDEIRO, 2019, p. 57). O racismo, assim como outros discursos opressivos, se apresenta com ares de brincadeira, e muitas vezes com a argumentação errônea de que tendo amigos, conhecidos, familiares negros, automaticamente, não os torna racistas, LGBTQIA+fóbicos, capacitistas, sexistas, entre outros. Oliveira (2017) discorre que “a piada indica a existência do racismo. Tratada como uma brincadeira e não como discurso, é permitida” (OLIVEIRA, 2017, p. 124). Por isso, a sociedade em geral, bem como, escola e as práticas pedagógicas estão envoltas de preconceitos, comumente expressados em formas de piadas e brincadeiras opressivas (RIOS, 2019). Da mesma forma, a entrevistada Lu Arthur, que teve experiência tanto no ensino público, quanto no ensino privado, menciona em sua narrativa sobre “brincadeiras” de tons racistas e sobre como, no imaginário social, espaços escolares de seguimento particular, muitas vezes, não são pensados como espaços para pessoas de pele escura, além da vigia e repressão quanto a sexualidade.

NARRATIVA 3: LU ARTHUR

No ensino público eu sofria mais violências raciais de outros colegas, por exemplo, eu usava Black Power, desde aquela época já. Então assim, apelidos como ninho de passarinho, cabelo de bombril, coisas assim terríveis, naquela época mais explícitas, até por exemplo, brincadeiras, escondiam objetos no meu cabelo, caneta, borracha, sabe? E também algumas coisas

mais veladas, sabe? Como por exemplo, sempre perguntavam coisa do tipo, do exótico, sabe? Como que eu cuidava do meu cabelo? Era muito difícil? Sabe? Mas era algo como se fosse muito exótico, de outro mundo até. Eram experiências mais assim. E também teve algumas no ensino público de 'viado', 'bixinha', tinha também. Por não se adequar ao que se esperava de um menino. Mas no privado, teve uma experiência que me marcou muito assim, foi no meu primeiro ano. A gente foi fazer um trabalho de inglês, que a gente precisava reproduzir uma cena de uma série inglesa. Então né, meu grupo, a gente preparou figurino, tudo, câmera e pediu pra descer ao pátio, e beleza. A gente já tava sem uniforme, com figurino pronto pra gravar e chegamos no pátio tinha dois adultos, uma que era uma professora que era meio zeladora, e um outro zelador também que fazia serviços gerais. E quando a gente chegou lá, a gente tava escolhendo o lugar pra gravar e esses dois adultos me chamaram pra conversar, do lado, assim afastado dos outros estudantes e daí eles começaram a me perguntar: Você estuda aqui? Daí eu falei que sim, tentei explicar a situação, daí eles insistiam: mas você estuda realmente aqui? Porque que você esta sem uniforme? Cadê tua carteirinha? O que você está fazendo fora da sala? Sabe? Criaram todo um enredo ali que não, não acreditaram na minha palavra, mesmo eu tentando explicar até a excepcionalidade de estar sem uniforme por causa do trabalho, e não acreditaram. Então eles chamaram outros colegas meus, que estavam ali do lado, que estavam ali próximos pra confirmar a minha história. Isso foi algo que me marcou muito, porque minha palavra ali, não valia de nada. E como era meu primeiro ano naquele colégio, e eu não tinha uma trajetória ali, eles realmente acharam que não era meu lugar ali. Mas eu não era a única pessoa sem uniforme, mas era a única pessoa com traços negroides ali, naquele espaço. (Lu Arthur, trans não binário, preta, 23 anos, entrevistado em 15 de junho de 2022)

Lu Arthur traz a baila questões de racismos explícitos quanto a seu cabelo *Black Power* e também sobre como cuidava de seu cabelo. Gomes (2000) discorre que

A trajetória escolar aparece [...] como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético. (GOMES, 2000, p. 41)

Esse tratamento quanto ao cabelo, cor de pele e traços fenotípicos são, exclusivamente, comentários recebidos pela maioria de pessoas negras, reforçando assim estereótipos e invalidando as multiplicidades dos sujeitos. A maneira exótica

como tratam essas características, segundo Cordeiro (2019) “já foi usado inclusive como justificativa para comprovar a suposta diferença biológica entre as raças” (CORDEIRO, 2019, p. 29) e ainda hoje, em nossa sociedade atual são utilizadas como alvo de ataques racistas e como forma de tentar menosprezar, pessoas que apresentam essas características. Além disso, Lu Arthur relata sobre o ocorrido ao estar sem uniforme, realizando uma atividade escolar. Nesse caso, retomo Grada Kilomba (2010) quando indaga “Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?” (KILOMBA, 2010, p. 172). Por estar em um espaço que, majoritariamente, é pensado como um espaço de pessoas brancas e com traços europeus, mesmo com sua justificativa, sua voz não foi ouvida, tendo a sua versão aceita apenas após a comprovação de alunos brancos que o acompanhavam na atividade. Esse silenciamento faz com que o caminho da bixa preta dentro da escola, seja um caminho estreito e conturbado, como informa Matheus em sua narrativa. A invisibilização e afrontas fizeram com que ele sofresse diversos discursos quanto ao seu pertencimento racial e de sexualidade, e sua aceitação fosse adiada.

NARRATIVA 4: MATHEUS

No fundamental 1 e no 2, era bem difícil, eu sofria bastante, tipo eu era ... como eu posso explicar? Eu era bastante atingido por causa dos termos pejorativos, de amigos, tanto quanto eu não me aceitava e por conta deles. No médio eu já comecei mudar, quando eu comecei a me aceitar. No superior eu acho normal, já comecei a mudar quando comecei a me aceitar. No superior eu acho normal, minha vida continua normal, eu me aceito, meus amigos me aceitam. É bem tranquilo. (Matheus, gay, negro, 23 anos, entrevistado em 14 de junho de 2022)

No depoimento supracitado, percebo que Matheus, por estar inserido em um ambiente familiar silencioso quanto ao pertencimento racial e de sexualidade, fez com que seus medos e negações refletissem na escola. Ao relatar sobre como era difícil sua caminhada escolar e que ouvia muitos termos pejorativos de amigos, compreendo que “antes mesmo de adquirirmos consciência do potencial repressivo que esses termos – *bixa, bixinha, viadinho, preto, preta- tentam impor*, ele é lançado como um torpedo que tenta um aniquilamento” (OLIVEIRA, 2017, p. 98, grifo meu). Esses termos pejorativos, utilizados hoje, como formas de empoderamento por muitas, eram usados como formas de menosprezar, ridicularizar e informar que

aquele espaço não estava destinado a pessoas dissidentes de raça e sexualidade. É nesse sentido, que a falta de representatividade faz com que bixas pretas não se sintam acolhidas e aceitas por si mesmas, como foi o caso de Matheus.

Além dos discursos disparados para segregar e excluir relatado pelas entrevistadas anteriores, Erika traz em sua narrativa, além das questões ligadas à sua experiência no ensino privado ao qual estava inserida, sobre questões de gênero, ou seja, separação do que é de menino e o que é de menina.

NARRATIVA 5: ERIKA

Então, isso eu acho meio engraçado, eles sempre foram tranquilíssimos, normais, mas uma vez que eu achei desnecessário que chamaram minha mãe na escola pra falar - naquele tempo eu ainda era Erik – “Óh, o Erick só anda com meninas e ele não anda com meninos, a gente percebe em trabalho em grupo, ele só vai com meninas, na hora do intervalo ele só anda com meninas, só vai com as meninas, e a gente está preocupado, você tem que tratar isso em casa”. Aí minha mãe me falou, e eu achei isso ridículo, mas acho que a única coisa foi isso, sabe? Mas nunca me destratarem por ser preto, em questão de classe social, sempre trataram todo mundo igual, todo mundo no mesmo nível, sabe? (Erika, trans, preta, 22 anos, entrevistada em 10 de junho de 2022)

Nesse fragmento de Erika, confirma sobre como instituições escolares “policiam os jovens para que nada saia do previsível, do imaginável, do controlável” (MEIRA; FERREIRA, 2019, p. 1700). As imposições de gênero se apresentam fortemente na narrativa de Erika pois, a escola incapaz de lidar com a complexidade da entrevistada, pede para que a família assuma o papel de reguladora de sexualidade. Esse estabelecimento de gênero apresentado por Erika em sua narrativa quando a escola se preocupa de a mesma estar sempre em contato com meninas e não com meninos, informa que a bichisse, o afeminamento, a viadagem, os trejeitos colocaram Erika na mira de professores/as e colegas, de modo que quando tal comportamento foi observado naquele corpo preto a saída foi uma regulação é ainda maior.

Portanto, diante dos depoimentos, compreendo que

Se este indivíduo se descobre ou aceita-se quanto gay, logo, o problema é ainda maior, pois a “tarja” que antes dizia “bicha”, agora diz “cure a bicha”, e inicia-se um processo dentro da própria escola,

para forçar uma mudança sexual. Tal processo, vai desde “agressões sutis”, disfarçadas de brincadeiras por parte dos docentes, até agressões físicas feitas pelos outros alunos, além da total omissão da orientação pedagógica, que faz “vista grossa” até mesmo quando recebem as denúncias. (HILÁRIO, DIAS PEREIRA; 2020, p. 9)

Ou seja, além de as escolas não estarem preparadas para tais complexidades identitárias, estes espaços também tendem a regular, rechaçar, impor mudanças e processos de cura. Para as bixas pretas resta encontrar estratégias para sobre(viver) dentro desses espaços, visto que, esses estão calcados em discursos cisheteropatriarcais que anulam vivências dissidentes.

3.3. MERCADO DE TRABALHO: UM ESPAÇO (IM)POSSÍVEL PARA A BIXA PRETA

A sociedade brasileira sempre dificultou, insistentemente, o acesso de pessoas negras em diversos espaços sociais, bem como, ao mercado de trabalho (GOMES, 2005). A existência do racismo é o cerne para que pessoas negras e pretas tenham grande dificuldade em acessar oportunidades na pirâmide econômica. Além disso, a inserção da bixa preta no mercado de trabalho, assim como em outras áreas de sua vida, é uma tarefa ainda mais difícil, visto que, intersecciona identidade racial e de sexualidade. Diante disso, nessa seção apresento as narrativas das bixas pretas em relação ao acesso ao mercado de trabalho e as percepções das entrevistadas em como se sentem ao (tentar) acessar esses lugares.

Lu Arthur, que hoje se identifica como uma pessoa preta e trans não binária, expõe em sua narrativa a dificuldade de acessar o espaço do mercado de trabalho por apresentar suas identidades, assim como Erika comenta brevemente.

NARRATIVA 1: ERIKA

Pra conseguir uma vaga de emprego por ser preta, é muito difícil. (Erika, trans, preta, 22 anos, entrevistada em 10 de junho de 2022)

NARRATIVA 1: LU ARTHUR

Arranjar emprego, é assim, algo que eu até converso com algumas amigas minhas. Seja desde lá o emprego de vendedora e tudo, não contratam pessoas trans. Se eu for, eu não posso falar que eu sou uma pessoa trans, porque já é algo, um passo atrás. Podem me contratar? Até podem, mas assim nunca vou ser a primeira. Então assim, essa questão, que é

uma questão que faz parte do dia a dia, sabe? Poxa, arranjar um emprego. Todo mundo precisa trabalhar, de uma renda né? Então é algo que limita muito, estar em Ponta Grossa e permanecer aqui. (Lu Arthur, trans não binário, preta, 23 anos, entrevistado em 15 de junho de 2022)

Segundo Hilário, Dias Pereira (2020), preconceito, exclusão, burocracia ao acesso escolar, seja na Universidade ou em escolas de ensino fundamental, (HILÁRIO, DIAS PEREIRA, 2020), bem como, o acesso mercado de trabalho, torna-se uma grande dificuldade para que bixas pretas alcancem a plenitude social, pois estando marginalizadas de ingressar em empregos dignos, muitas se submetem a subempregos, os quais permitem apenas subsistir, não se plenificar na identidade cidadã com direitos e deveres assegurados (HILÁRIO, DIAS PEREIRA, 2020, p. 2).

Para evidenciar o que menciona Lu Arthur e Erika sobre a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho na cidade de Ponta Grossa, para pessoas dissidentes da norma padrão imposta pela sociedade, trago o percentual do primeiro turno da eleição presidencial brasileira, que ocorreu dia 02 de outubro de 2022. Levando em consideração que tudo é política, é fato que o senso social caminha juntamente as ideologias políticas que elegeu

Apresento esse ponto pois, Jair Messias Bolsonaro com Presidente da República, vimos manifestar na sociedade brasileira, através de eleitores bolsonaristas, o que tem de pior, racismo, LGBTQIA+fobia, sexismos, machismos, entre outros. Na eleição de 2022 para Presidente da República, segundo G1 Campos Gerais e Sul (2022) o candidato a reeleição Jair Bolsonaro, recebeu 55,51% dos votos para a Presidência (109.833 votos), enquanto Lula foi a escolha de 32,26% dos eleitores (63.835 votos) do município de Ponta Grossa (G1 CAMPOS GERAIS E SUL, 2022). Esses números, podem justificar a dificuldade de acesso de bixas pretas e pessoas dissidentes do padrão imposto, ao mercado de trabalho em nosso município, visto que, para essas pessoas, ideologicamente direitistas, não há outra maneira de vivência se não o cisheteropatriarcalismo branco, e dificultar acessos é invisibilizar vivências outras.

Já Ronaldo em sua narrativa, menciona que desde muito cedo já conseguiu

inserir-se no mercado de trabalho. Ajudado pelo Projeto Guarda Mirim ⁷ do município de Ponta Grossa, Ronaldo conta que esteve inserido em um espaço de pessoas mais velhas o que resultou em uma maturidade precoce.

NARRATIVA 2: RONALDO

Eu comecei a entender que eu estava entrando pra vida adulta, porque no nono ano comecei a trabalhar pela guarda mirim, aqui na UEPG inclusive, foi uma oportunidade assim incrível que eu nunca teria, nunca teria se não fosse pela guarda mirim, e que me abriu muitas outras portas futuramente. É ..., mas eu comecei a ter contato ... eu sempre tive contato com pessoas mais velhas então pra mim a maturidade que eu tive foi, foi assim um passo muito rápido, porque eu sempre tava com pessoas mais velhas e tudo mais então, tinha que ter uma maturidade a mais. É aqui na UEPG também, pensa uma criança né? De dezesseis, quinze anos, trabalhando com ... eu trabalhava ali na PROJUR que era o setor jurídico aqui da ... que cuida da parte do curso de direito né? Então eu tava a todo momento em contato com advogados, juízes, professores de, de ... enfim, fugi do assunto. Mas voltando isso começou a me dar mais maturidade pra lidar com algumas coisas. (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022)

Percebo que, apesar de ter acesso fácil ao mercado de trabalho, quando adolescente através do Projeto Guarda Mirim, Ronaldo não evidencia em sua narrativa sobre questões ligadas a raça, sexualidade e classe social, em relação ao seu acesso a esse espaço. Segundo Oliveira (2017)

socialmente falando, seja o ensino primário, seja no ensino superior, assim como nas relações pessoais ou profissionais, as regras eram muito similares, isto é, construídas a partir do pensamento eurocêntrico, racista, machista, cristão e lgbtfóbico, que exige ajustamentos das pessoas, principalmente daquelas consideradas “menos iguais”. (OLIVEIRA, 2017, p. 27)

Ou seja, mesmo esse projeto de acesso ao primeiro emprego ser uma maneira viável e que muitos adolescentes já tenham sido contemplados por tal projeto, esse acesso é limitador para identidades dissidentes, pois reflete as estruturas sociais que estão ancoradas no cisheteropatriarcalismo branco.

Estar presente em ambiente com pessoas mais velhas, mesmo sendo em uma Universidade Pública, reflete questões de policiamento quanto a evidencia de

⁷ projeto adotado por municípios com intuito de aprendizagem profissional para futura inserção de jovens no mercado de trabalho. Em regra, tem caráter socioeducativo e atende a adolescentes em situação de vulnerabilidade. (CONSULTOR JURÍDICO, 2022)

identidades dissidentes pois,

essas práticas operam não só pelo conjunto explícito de interdições, censuras, por um código negativo e excludente, mas também se efetivam, sobretudo, por meio de discursos, ideias, representações e práticas que definem e regulam o permitido, distinguindo o legítimo do ilegítimo, o dizível do indizível. (OLIVEIRA, 2017, p. 27-28)

Assim sendo, para que a bixa preta possa acessar o mercado de trabalho, através ou não desse projeto mencionado por Ronaldo, é necessário que esta esteja de acordo com as normas sociais impostas, ou quando acessam o espaço de trabalho e insistem em manter suas identidades visíveis, são podadas para que possam permanecer. Dessa forma, percebo que não importa o quão competente você seja para acessar uma vaga de emprego, o que se leva em consideração é adaptar-se aos moldes tradicionalistas impostos pela sociedade.

3.4. EU AMEI NÃO FUI AMADA, HOJE EU SEI O MEU VALOR

O racismo que estrutura nossa sociedade impede a bixa preta de acessar diversos espaços, como mencionado anteriormente, ao que se refere a relacionamentos amorosos essa estrutura racista fabrica maneiras para que a bixa preta passe a

odiar seus traços, odiar a cor de sua pele, odiar sua história pessoal e a história do povo ao qual pertence. Desse ponto de vista, o racismo é um sucesso, porque consegue nos matar afetivamente, simbolicamente, para além ou aquém das estatísticas de homicídios de pessoas negras no Brasil. Mata-se por todos os lados e de múltiplas formas. (VEIGA, 2018, p. 84)

Ou seja, através dessa eliminação da autoestima a bixa preta “tenta lidar com a solidão e com o desejo de ser amada, ainda que por vezes creia, inconscientemente, que não merece receber amor” (VEIGA, 2018, p. 84), pois a sensação de não lugar, de não ser representada, de não pertencimento, de preterimento, gerados pelo racismo estrutural prejudicam o sentimento de se sentir digna de ser amada e também, e de se amar.

Além da opressão de raça, gênero e sexualidade, por parte dessa sociedade

supremacista branca e o preterimento por parte de outras bix(ch)as, a bixa preta experimenta ainda a rejeição, algumas vezes, da comunidade masculina negra heterossexual pois “o movimento social negro acabou por produzir um certo masculinismo negro como a pré-suposição de uma identidade negra que é masculina, que exclui a mulher, que exclui o homossexual”, como afirma Pinho (2004, p. 129). O desenvolvimento do masculinismo negro, muitas vezes, está, intrinsecamente, ligado à masculinidade do homem-branco-hetero que, é lido como padrão e ao garoto negro

Como não é possível a um homem negro deixar de ser negro, ele negocia a autopreservação e o amor do sequestrador, incorporando seus códigos morais e comportamentais, transformando-se num macho-beta. Isso porque, numa sociedade em que se defende, de inúmeras formas, a supremacia branca, o papel de macho-alfa pertence somente aos homens-brancos-heterossexuais que fundam e refundam *ad infinitum* esse sistema. (VEIGA, 2018, p. 80-81)

Dessa forma, o masculinismo negro opera, algumas vezes, também para invisibilizar a bixa preta dentro do quilombo ao qual ela pertence. Estando a bixa preta fora dos padrões impostos pela sociedade heterossexual e até mesmo, pela comunidade LGBTQIA+, que muitas, vezes excluem as pautas interseccionais da bixa preta de suas reivindicações, o processo de aceitação e até mesmo de construção de uma vida amorosa se torna difícil pois se o estereótipo do homem negro viril e superdotado sexualmente é utilizado para afirmar sua cis heterossexualidade, também o é para negar a sua homossexualidade” (OLIVERIA, 2017, p. 20).

É diante disso que, a bixa preta encontra-se fora da economia do desejo pois sendo destinado ao garoto negro apenas a masculinidade compulsória, para a bixa preta torna-se um caminho titubeante encontrar-se em relacionamentos amorosos, levando em conta os estereótipos criados para o homem negro.

Ronaldo, foi o único que relatou em sua narrativa uma história de relacionamento amoroso, por mais que em suas palavras a experiência desse relacionamento tenha sido bastante dolorosa.

NARRATIVA 2: RONALDO

foi no sétimo ano que eu comecei a ter depressão, por conta de homofobia, e na verdade foi muito a história daquele menino que era tipo “nossa na frente dos outros te xingava e dizia que tinha nojo e daí

de noite me mandava mensagem falando que queria me beijar” entende? Então é ... complicado isso, porque ... assim não culpo tanto ele também porquê ... é ele era adolescente, e também diz muito sobre o meio que ele foi criado né? O amor que ele recebeu e quão é ... quantos barreiras tem esse amor que ele recebeu, então isso pra mim é ... foi o início de tudo assim sabe? Foi aonde nesse sétimo ano ali, é ... onde eu passei a sofrer homofobia escancaradamente e, de esse menino chegar pro meu melhor amigo por exemplo e “fala” não fiquei perto dele porque senão você vai se tornar igual a ele, sabe ... isso foi uma coisa que me machucou muito na época, tive bem pouco apoio de amigos, realmente amigos, mas é isso. Tamo aí “vivona” e vivendo. (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022)

Através da narrativa exposta percebo que para o outro, Ronaldo não era passível de amor diante de seus colegas de escola pois, frente às outras pessoas era tratado com desprezo e insultos, o que o fez acreditar que realmente não era possível ser amado e o desencadeou uma depressão, como relata. Para Veiga (2018)

A dificuldade nas relações amorosas comumente está relacionada com a baixa do seu senso de amor próprio. Não se amando como se é e vivendo com a sensação iminente de rejeição, a bixa preta, por vezes, cai em um desses complicados arranjos: ou não se permite amar e não suporta receber o amor do outro quando amada, ou ama e se submete a uma relação em que não é amada, ou ama e é amada, mas vive em estado permanente de ansiedade, devido à sensação de que a qualquer momento esse amor pode acabar. (VEIGA, 2018, p. 85)

Isto é, o não reconhecimento de si, enquanto bixa preta, por vezes, nos leva a essas condições citadas por Veiga (2018), o que impede, muitas vezes, de experimentarmos sentimentos verdadeiros por experiências ruins e como relatou Ronaldo, justificamos as atitudes do outro como sendo “normais” e irrelevantes, ao mesmo tempo que nos fere e nos trava de nossos desejos.

Ronaldo também expõe em sua narrativa que, apesar dos insultos e do desprezo do menino que estava flertando “*de noite me mandava mensagem falando que queria me beijar*” (Ronaldo, gay, negro, 20 anos, entrevistado em 08 de junho de 2022), nesse sentido, expõe os autores Caetano, Teixeira e Silva Junior (2019) “apesar de se relacionarem sexualmente com outros homens, primeiro, eles continuam sendo machos e, posteriormente, (des)qualificam o comportamento dos

homens afeminados como sendo feios, exagerados e exibidos.” (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019, p. 51). Essas atitudes estão ligadas a masculinidade compulsória que, de fato, exclui o que é, socialmente, dito como feminino, o que está ligado ao feminino, deslegitimando a identidade, nesse caso, da bixa preta pois para um homem negro está destinado “o lugar de força, virilidade que ao mesmo tempo que é simbolizado por imagens coloniais como o homem que exerce o trabalho, lhe é retirado qualquer aspecto de feminilidade” (SILVA, 2022, p. 40).

Outro ponto dentro do âmbito amoroso para as bixas pretas, é sua inserção dentro dos aplicativos de relacionamento gay, ou aplicativos de “pegação”. Aplicativos como, *Grinder*, *Scruff*, *Hornet* e até mesmo o *Tinder*, são aplicativos de relacionamento com intuito de aproximar pessoas para que estas consigam se conhecer e consequentemente, marcar encontros. *Grinder*, *Scruff*, *Hornet*, são aplicativos destinados, majoritariamente, ao público LGBTQIA+, enquanto o *Tinder* encaixa-se num aplicativo para pessoas de qualquer sexualidade.

Ao adentrar nesse mundo de aplicativo, nós bixas pretas, nos deparamos, muitas vezes, com o racismo estrutural e até mesmo, com a homofobia, exposta em muitos perfis pois, esses aplicativos e sites de relacionamento tornam-se espaços hostis para pessoas LGBTQIA+, principalmente quando são atravessadas pela pele preta, visto que, nossas bases sócio-históricas que baseiam nossas relações estão alicerçadas em uma estrutura racista (SILVA, 2022). Estar disposto a conviver nesses espaços virtuais, pode ser uma experiência dolorosa visto que, inúmeras vezes, sofremos com o preterimento dos demais usuários que procuram por gays padrões, ou seja, brancos, malhados, de classe média/alta, que se afastem ao máximo da feminilidade e que objetificam o corpo negro. Oliveira (2017) acrescenta que

Esse modelo de masculinidade negra presente nos ambientes gays agrega ao mesmo tempo dois estereótipos relacionados ao homem negro, o negão, que é aquele sujeito cis heteronormatizado, viril e de grande apetite sexual, e o negro de alma branca, que, por meio de uma boa educação, pretende integrar-se à sociedade branca, mas, que na maioria das vezes, é ironizado por ela, sendo apenas tolerado (OLIVEIRA, 2017, p. 96)

Nesse sentido, percebemos que o espaço para a bixa preta no âmbito de relações amorosas e pegação, não é um espaço fácil visto que, para sociedade, seja ela, hetero ou homossexual, há uma grande necessidade de que a bixa preta se encaixe à um padrão imposto pois “essas avenidas identitárias potencializam um lugar de preterimento afetivo muito grande, em especial no que diz respeito às bixas pretas, que se diferenciam de homens negros gays a partir de suas performances de gênero hibridizadas” (ZEFERINO, 2020, p. 166).

Apesar de todas as formas de silenciamento, preterimento, exclusão e tentativa de extermínio, é importante ressaltar que

Resistimos e seguimos pelo mundo em nossas existências diaspóricas, criando novas modalidades de acolhimento, novos sentidos de pertencimento, forjando nossos próprios quilombos. Os coletivos de bixas pretas, a amizade com as irmãs pretas hétero e lgbs, as relações amorosas saudáveis, as religiões de matriz africana são estratégias de sobrevivência, suporte para a vida cotidiana, afago para a solidão que nos toma ao anoitecer, e desempenham papel importante na reparação aos danos que as diásporas causaram em nossas subjetividades (VEIGA, 2018, p. 87)

PONDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da narrativa da experiência não é uma tarefa fácil por se tratar da busca de situações vividas que hoje fazem refletir e repensar todas as experiências e opressões sofridas. Percebo que as narrativas autobiográficas, ou ainda as narrativas, constituem um processo de interação, independentemente da forma como é utilizada. Por meio da pesquisa dessas narrativas, uma pessoa interage com outras, coletando e interpretando suas diferentes vozes na tentativa de compreender as razões, intenções e objetivos ocultos por trás de suas ações. Ou seja, reflexiona a vida do futuro nascida da reformulação coletiva do passado. Por meio dessa interação o pesquisador consegue compreender melhor os outros e, por consequência, compreende-se a si próprio.

Diante disso, a interseccionalidade têm se tornado, cada vez mais, um espaço fértil para reflexões sobre temas que são caros a sociedade. Estar de posse dessa ferramenta teórico-metodológica (AKOTIRENE, 2019) que nos oportuniza as discussões de avenidas identitárias, me possibilitou compreender as experiências e fatos, ressignificar atos e discursos, bem como, construir sentidos a vida, através das narrativas das entrevistadas atravessadas por identidade de gênero, sexualidade, raça e classe social.

Dessa forma, a construção identitária da bixa preta têm grande influência na esfera familiar, visto que, o primeiro contato social ao qual essa bixa está inserida é no seio familiar. Ter a aceitação da família, não majoritariamente, mas faz com que a bixa preta construa suas identidades de maneira mais sólida e que, muitas vezes, consiga superar as violências sociais que a atravessam. Por isso, ao ter a aprovação da família a bixa preta, interseccionada por identidades de sexualidade, raça e classe social, cria desde de muito cedo estratégias para confrontar o sistema cisheteropatriarcal branco que compõe nossa sociedade.

Da mesma maneira, as instituições escolares que são capazes de lidar com as complexidades identitárias que integra o espaço escolar, tende a ser um espaço de acolhimento e auxilia a bixa preta em sua caminhada. Porém, é perceptível nas narrativas apresentadas que esses ambientes de ensino ainda são alicerçados no sistema cisheteropatriarcal branco e dessa forma criam estratégias para invisibilizar, dificultar, modificar e até criam processos de cura para revelar para a bixa preta que

aquele espaço não está destinado a pessoas que fujam do padrão imposto pela sociedade.

Esses mecanismos estabelecidos pelas escolas para dificultar o acesso e a permanência das identidades das bixas pretas dentro dos espaços escolares é fruto de uma sociedade racista, LGBTQIA+fobia, sexista, machista e calcada em religiões fundamentalistas. Em face do exposto, a bixa preta permanece dentro da escola envolvida por discursos de ódio, racistas, LGBTQIA+fobicos, fazendo com que essa bixa preta, muitas vezes, oscile em suas identidades na tentativa de se encaixar ao padrão imposto ou acredite que àquele lugar não a pertence. Quando a bixa preta confronta o sistema que a quer exterminar, precisa criar estratégias para resistir e sobreviver diante de uma sociedade que a quer invisível.

Em relação ao mercado de trabalho, assim como em outras esferas acessadas pela bixa preta, há uma dificuldade enorme em adentrar esse espaço. No contexto pontagrossense, como indiquei através de percentual, o município, majoritariamente, está alicerçado no sistema tradicionalista. Esse sistema não disponibiliza oportunidades a pessoas que fogem do padrão socialmente imposto, portanto, para que a bixa preta consiga acessar um espaço no mercado de trabalho, é necessário se adequar aos padrões ou se aventurar em atividades informais para conseguir sobreviver.

Ao que se refere ao último tópico de análise, relações amorosas, percebo que assim como os demais, a bixa preta experimenta o preterimento e a estereotipização do corpo negro. Ser uma bixa preta em um mundo de pegação e relações amorosas, inúmeras vezes, é estar exposta a exclusão e ao menosprezo de outras bixas/bichas/gays/homossexuais que buscam por um padrão homossexual, imposto pela sociedade, que recusa tudo que uma bixa preta é. Segundo Cordeiro; Sierra; Dias Rosa (2021)

Ao interseccionar as categorias da diferença de raça, *classe social*, sexualidade e gênero, para pensar a dimensão dessa construção do afeto e da amizade na vida de bixas pretas, pensamos o quanto é difícil acessar qualquer um destes sentimentos - principalmente quando questionamos que isso poderia ter sido construído através da família, da escola - ou das (im)possibilidades de parceiras afetivas-sexuais-amorosas ao longo da vida. (CORDEIRO; SIERRA; DIAS ROSA, 2021, p. 132, *grifo meu*)

Diante disso, ao analisar a construção identitária e as experiências das bixas pretas que estudaram em escolas públicas e privadas em relação às identidades sociais de raça interseccionadas com sexualidade e classe social, percebo que não há diferenças evidentes, visto que, nas narrativas relatadas a experiência que as entrevistadas tiveram foram experiências educacionais muito similares. As experiências por elas relatadas informaram que os ambientes educacionais não estão preparados para receber as dissidências ao que se refere a raça, sexualidade, classe social e, tampouco, demonstram interesse em adentrar em tais assuntos. Percebo também que, mais que o ambiente escolar, o que realmente influenciou na construção da identidade dessas bixas pretas foi o apoio familiar. Este meio social induziu as experiências educacionais das bixas pretas pois, para Erika, a exemplo, a família sempre foi alicerce frente as questões abordadas na escola sobre moldar suas atitudes ao modelo cisheteropatriarcal.

Todavia, apesar do apoio familiar na maioria das experiências das entrevistadas, ressalto que há falta de reflexão ao que se refere as identidades sociais de raça, classe social, sexualidade, gênero, entre outras dentro do ambiente escolar. Saliento a relevância das narrativas como meio de compreensão, reflexão e fortalecimento, por meio das quais destacam-se por ser peça fundamental para o que hooks (2017) denominam de “educação como prática de liberdade”, pois é através dessa educação que professores e alunos trabalharão dialogicamente, ou seja, colocarão em prática a pedagogia engajada (hooks, 2017). No entanto, essa pedagogia exige que os professores assumam o compromisso com a autoatualização e promovam o bem-estar, assim como exijam que os alunos sejam participativos na sala de aula. Nesse sentido, devemos acreditar e lutar por uma educação que seja ponte, que acolha as diferenças, que se posicione ao lado das minorias, que faça sentido para as pessoas e que assuma um caráter transformador e libertador.

Por fim, apesar de todas as formas de exclusão, segregação e eliminação, percebo que ao fim, a bixa preta cria formas de resistências para seguir pelo mundo com sua existência diaspórica, assim, cria novas modalidades de acolhimento, novos sentidos de pertencimento e forja nossos próprios quilombos. Portanto, quando a bixa preta reconhece-se racialmente preta ela confrontará o racismo, enfrentará as

diferentes formas de silenciamento e com isso unirá força com outras bixas pretas para que juntas possam conseguir seu espaço de vez e voz dentro de uma sociedade que procura, incansavelmente, exterminar as vivências dissentes dessas bixas de pele escura.

Ademais, finalizo essa escrita tendo a lucidez de que essa discussão é muito maior do que os limites aqui prescritos, mas o certo é que este trabalho caminhou no sentido de auxiliar no processo de reflexão juntos à educação, e mais do que isso, é também um convite à práxis, à tomada de decisões e à responsabilidade pela construção da educação emancipatória inerente ao processo de emancipação social

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Ed. Jandaíra - São Paulo, 2020.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990. Disponível em: <<http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2021
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Maneiras de compreender linguística aplicada. *Letras*, n. 2, p. 4-10, 1991.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. 2008.
- CAETANO, Marcio. *Performatividades reguladas: heteronormatividades, narrativas biográficas e educação*. Curitiba: Appris, 2016.
- CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. *Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias*. *Revista Teias*, v. 20, n. 59, p. 39-55, 2019.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Questões éticas na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2005.
- CONSULTOR JURÍDICO: *Desvirtuada, função de guarda-mirim pode contar como tempo de serviço no INSS*. Brasília, 09 mar. 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-mar-09/funcao-guarda-mirim-contar-tempo-servicoins#:~:text=Guarda%2Dmirim%20%C3%A9%20um%20projeto,adolescentes%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20vulnerabilidade..> Acesso em: 19 out. 2022.
- CORDEIRO, Fábio de Carvalho. *A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 142, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Ano 10 (1). Florianópolis, 2002. p.171-188.
- DAMIANOVIC, Maria Cristina. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Revista Linguagem e Ensino*. V. 8, n. 2, p. 181-196, dez. 2005.
- DE CARVALHO CORDEIRO, Fábio; SIERRA, Jamil Cabral; DIAS, Lucimar Rosa. *Preterimento do afeto, da amizade e do desejo entre bixas-pretas em espaços de socialização virtuais: identidades de Raça e Sexualidade em intersecção*. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 14, n. 43, p. 119-137, 2021.

DIAS, Romar Souza e MASTRELA-DE-ANDRADE, Mariana R. Narrativas de professores: identidades sociais de raça e classe no processo de ensino aprendizagem de inglês. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org). *Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

DOS SANTOS, Eric Silva; COLC, Kelvin Tadeu Russi. Bichas pretas e o Letramento Racial Crítico—devires em sala de aula. *Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos* (ISSN: 2526-3455), v. 5, n. 2, p. 41-51, 2021.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: Letramento racial crítico e Teoria racial crítica. In Ferreira, Aparecida de Jesus (Org.) *Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem*. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus, Teoria Racial Crítica e Letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. *Revista da ABPN*, v. 6, n. 14, p. 236-263, jul./out. 2014.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução: Joice Elias Costa. - 3. ed. -Porto Alegre. Artmed/Bookman, 2009.

FREITAS, Laleska; LIMA, Ivaldo. Ideologia cisheteropatriarcal, contenção (cishetero) territorial e o videoclipe" flutua. *Desfazendo Gênero*, 2019.

FREITAS, Marco Túlio de Urzêda. *Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer docente*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiás, p. 283, 2018.

G1 CAMPOS GERAIS E SUL: *Eleições em Ponta Grossa (PR): Veja como foi a votação no 1º turno*. Curitiba, 02 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2022/10/02/eleicoes-em-ponta-grossa-pr-veja-como-foi-a-votacao-no-1o-turno.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2022.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução*

de estereótipos ou resignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2000.

GOMES, N. L. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: MEC - Secad (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/2003 - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005, p. 39-61.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da Pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HILÁRIO, R. A.; DIAS PEREIRA, W. G. *Bichas pretas afeminadas: do silenciamento na escola a solidão na vida*. REVES - Revista Relações Sociais, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 03001–03011, 2020. DOI: 10.18540/revesv3iss4pp03001-03011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/10389>. Acesso em: 22 out. 2022.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*/ bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2º.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 283

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2020.

LADSON-BILLINGS, Gloria. Just what is critical race theory and what's doing in a nice field like education? *Qualitative Studies in Education*, v. 11, n. 1, 17-24, 1998.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed: Belo Horizonte: Editora UFMQ. 1999. 339 p.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Felipe de Almeida. A identidade homossexual e negra em Alagoinhas. *Bagoas*, v. 1, n. 1, p. 269-286, jul./dez. 2007.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli, E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MEIRA, Celio Silva; FERREIRA, Lucas Aguiar Tomaz. Além de bixa, é preta, é pobre e afeminada”: Interseccionalidades e os marcadores da desigualdade nas escolas públicas de poções-ba para com a população lgbt. *Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional*, v. 7, n. 7, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos*. Autêntica Editora, 2019.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística a linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. E ROCA, P. (org.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009a.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: linguagem como condição e solução. *DELTA*, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2. ed. Rio de Janeiro: *Lamparina*, 2008. 245 p.

NELSON, Cynthia D. Narrativas Queer da vida em sala de aula: lições intrigantes par aos estudos da linguagem. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). *Narrativas Autobiográficas de Identidade Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 235 - 258.

NORTON, Bonny. EARLY, Margaret. Identidade de Pesquisador/a, Pesquisa Narrativa e Pesquisa sobre Ensino de Línguas. In Ferreira, Aparecida de Jesus (Org.) *Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem*. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 192, 2017.

PINHO, O. *A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonias de raça e gênero*. In: RIOS, L.; ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C. (Orgs.) *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

REAL, Luara Rodrigues. *Professoras universitárias negras de língua inglesa do Brasil e o letramento racial crítico: práticas subversivas em narrativas autobiográficas*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, p. 129, 2022.

RIOS, Pedro Paulo Souza. Práticas pedagógicas e a construção de masculinidades/homossexualidades na escola. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; RODRIGUES, Victor Manoel Amar (org.). *Interseccionalidades em Pauta: gênero, raça, sexualidades e classe social*. Salvador: Edufba, 2020. Cap. 15. p. 357-384.

RIOS, Pedro Paulo Souza. *Estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, p. 189, 2019.

ROCHA PESSOA, Rosane; DE URZÊDA, Marco Túlio. "Resistindo na boca da noite um gosto de sol": *Pedagogia da pergunta como resistência democrática na educação linguística*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, n. 1, 2021.

SANTIAGO, Spartakus. A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas

pretas. *Youtube*, 15 de jul. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc_yuk&t=3s>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

SANTIAGO, Spartakus. A solitude do gay negro | Sobre autocrítica. *Youtube*, 9 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bIFakeZFJd4>>. Acesso em: 29 de agosto de 2020.

SENE, Rosana Aparecida Ribeiro de. *Identidades de raça, de gênero e de sexualidade nas aulas de língua inglesa na visão das/os estudantes*. 2017. 201 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) - Universidade estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. Narrativas de adolescentes negros: entre masculinidades, cotidiano escolar e vivências. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 5, n. 2, p. 172-191, 2019.

SILVA, Leonardo Palma de Sant'Anna da. *Soraia Queimada, filha da violência: o corpo descolonizado no teatro show de drag queen*. 2018. 88f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILVA, Pedro Ivo. *Afrobixas: narrativas sobre seu lugar na sociedade*. Dissertação de (Mestrado em Educação Linguagem e Tecnologias). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis-GO, p.150, 2017.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. " *Escrevivências*" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOUZA, Patrick Borges Ramires de et al. "*Bixa, preta, trans e periférica*": *Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais*. 2019. 247f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

VASSALO, M. L. (Maria Luisa) e TELLES, J. A. (João A.). Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem: histórias de identidades. *São Paulo*, v. 8, n. 2, p.341-381, abril/maio, 2008.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978- 85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos*

Culturais. 15 Ed. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2014: 7-72. ⁸⁶

APÊNDICE A - PERGUNTAS CONDUTORAS DA ENTREVISTA

1. Como você prefere ser chamado/a durante essa entrevista?
2. Qual a sua idade?
3. Em qual seguimento de ensino você estudou durante a educação básica? E em que ano concluiu o ensino regular?
4. Como você se identifica em relação a raça?
A- O que você entende em relação ao termo a qual se identifica?
B- Existe algum termo que você não se sinta confortável?
5. Como você se identifica em relação a sexualidade?
A- O que você entende em relação ao termo a qual se identifica?
B- Existe algum termo que você não se sinta confortável?
6. Como você se identifica em relação a classe social?
7. De acordo com o que você se identifica, como você se percebe morando na cidade de Ponta Grossa?
A- Por favor, pode me dar um exemplo de como você percebe que o que mencionou/evidenciou?
8. Através de sua identificação gênero/sexual, racial e de classe, quais foram suas experiências no contexto escolar?
A- Como era o tratamento da equipe escolar em relação a suas identidades de raça, gênero/sexualidade e classe social?
9. Você já teve atividades escolares relacionadas a raça, gênero, sexualidade e classe social, na escola?
A- Se sim, como foi?
B- Se não, você consegue perceber o porquê essas temáticas não foram levantadas em atividades?
10. Você já presenciou algum tipo de preconceito/ discriminação/racismo ou exclusão em relação à estereótipos?
A- Como a escola se comportou diante desse fato?
B- Como você se comportou diante desse/s episódio/s?
11. Qual a sua opinião em relação atividades ligadas a raça, gênero, sexualidade e classe social dentro da sala de aula/escola?
12. Como você vê o papel da escola em relação as diversidades sociais relacionadas a raça, gênero, sexualidade, classe social etc.?
13. Como você se percebe hoje em relação a sua passagem pelo ensino básico no que se refere a sua construção identitária

ANEXO A - TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO

TÍTULO DO PROJETO: Narrativas autobiográficas de bixas pretas oriundas de escolas públicas e privadas na cidade de Ponta Grossa.

PESQUISADORES: Kelvin Tadeu Russi Colc e Aparecida de Jesus Ferreira

LOCAL DE PESQUISA:

RESPONSÁVEL PELO LOCAL DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA:

Os pesquisadores acima identificados estão autorizados a realizarem a pesquisa e a coleta de dados, preservando as informações referentes aos sujeitos da pesquisa, divulgando-as exclusivamente para fins científicos apenas anonimamente, respeitando todas as normas da Resolução 196/96 e suas complementares.

Ponta Grossa, de de

Nome e assinatura do responsável pelo campo de pesquisa.

ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS E AFEMINADAS ORIUNDAS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA

Pesquisador Responsável: KELVIN TADEU RUSSI COLC

Área

Temática:

Versão: 2

CAAE: 56886022.3.0000.0105

Submetido em: 22/10/2022

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

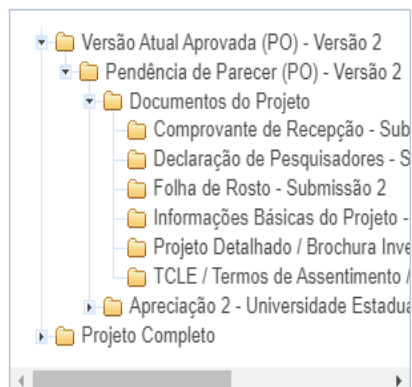
Patrocinador Universidade Estadual de Ponta Grossa

Principal:



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1905515

- DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA



Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
-------------------	----------	---------	----------	-------

ANEXO C - DECLARAÇÃO

Título do projeto: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS ORIUNDAS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA.

.

Pesquisadores: Kelvin Tadeu Russi Colc e Aparecida de Jesus Ferreira

Os pesquisadores do projeto acima identificado declaram que a coleta de dados não foi iniciada e somente iniciará após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ponta Grossa, _____ de _____ de 2022.

Kelvin Tadeu Russi Colc (assinatura do pesquisador responsável)

Aparecida de Jesus Ferreira (assinatura da pesquisadora participante)

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Estadual de Ponta Grossa Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa da UEPG: Universidade Estadual de Ponta Grossa Av. Carlos Cavalcanti, 4748 – Uvaranas. Prédio da Reitoria - Sala de Especialização Lato Sensu – Campus Universitário. CEP: 84030-900 – Ponta Grossa – PR . Fone: (42) 3220-3108E-mail: propesp-cep@uepg.br

Título do estudo: Narrativas autobiográficas de bixas pretas e afeminadas oriundas de escolas públicas e privadas na cidade de Ponta Grossa. **Pesquisador responsável:** Kelvin Tadeu Russi Colc.

Instituição/Departamento: Universidade Estadual de Ponta Grossa - Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem.

Telefone e endereço postal completo: (42) 99830-7902 - Rua Jesuíno Antônio de Oliveira, 365 - Fundos - Boa Vista, Ponta Grossa – Paraná

Local da coleta de dados: Biblioteca da Universidade; Sala de Orientação da Universidade

Eu *Kelvin Tadeu Russi Colc*, responsável pela pesquisa Narrativas autobiográficas de bixas pretas e afeminadas oriundas de escolas públicas e privadas na cidade de Ponta Grossa, o convido a participar como voluntário deste nosso estudo. 1. Esta pesquisa pretende identificar nas narrativas das bixas pretas do ensino público e privado como foi a abordagem acerca de identidades de sexualidade interseccionadas com raça e classe social. Acredito que esta pesquisa seja importante porque entendo que é de extrema relevância que assuntos sobre raça, gênero, sexualidade, classe e os múltiplos sistemas arbitrários sejam pautados não somente em contexto social, mas também educacional e que através das narrativas podemos refletir e ressignificar atos e ações vividas. Para sua realização será feito o seguinte: após seu aceite você será convidado para uma entrevista com perguntas pré-estabelecidas, as quais serão respondidas através de sua livre e espontânea vontade. Os dados serão coletados através de anotações que estarei realizando durante a entrevista, bem como, por gravação de áudio através de smartphone. Posteriormente aos dados coletados nas entrevistas, a gravação será transcrita para compor a geração de dados na minha pesquisa. Sua participação constará de narrar suas experiências através das respostas dados as perguntas feitas. 2. Você poderá não se sentir confortável em responder alguma pergunta, tendo total direito de não respondê-la, prezando pela sua integridade física e emocional. Os benefícios que espero com esse estudo são: a ressignificação de atos e discursos passados, a reflexão em como os acontecimentos narrados foram importantes para sua vida, bem como, entender a importância da narrativa autobiográfica. 3. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. 4. As

informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a sua identificação, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Não serão utilizadas imagens, apenas áudio. 5. Esta pesquisa não possui qualquer tipo de fins lucrativos e em caso de gastos necessários para a sua participação nessa pesquisa, esses serão ressarcidos. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

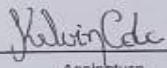
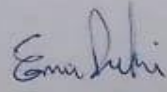
Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Ponta Grossa, _____ de _____ de 2022.

ANEXO E - FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE BIXAS PRETAS E AFEMINADAS ORIUNDAS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 4			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: KELVIN TADEU RUSSI COLC			
6. CPF: 074.498.749-03		7. Endereço (Rua, n.º): JESUINO ANTONIO DE OLIVEIRA BOA VISTA 365 PONTA GROSSA PARANA 84073090	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 42998307902	11. Email: colo_kel23@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 03 / 03 / 2022		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual de Ponta Grossa		13. CNPJ: 80.257.355/0001-08	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (42) 3220-3108		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: Evanir Pavloski		CPF: 031.437.809-08	
Cargo/Função: Coordenador do programa de pós-graduação			
Data: 28 / 02 / 2022		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			